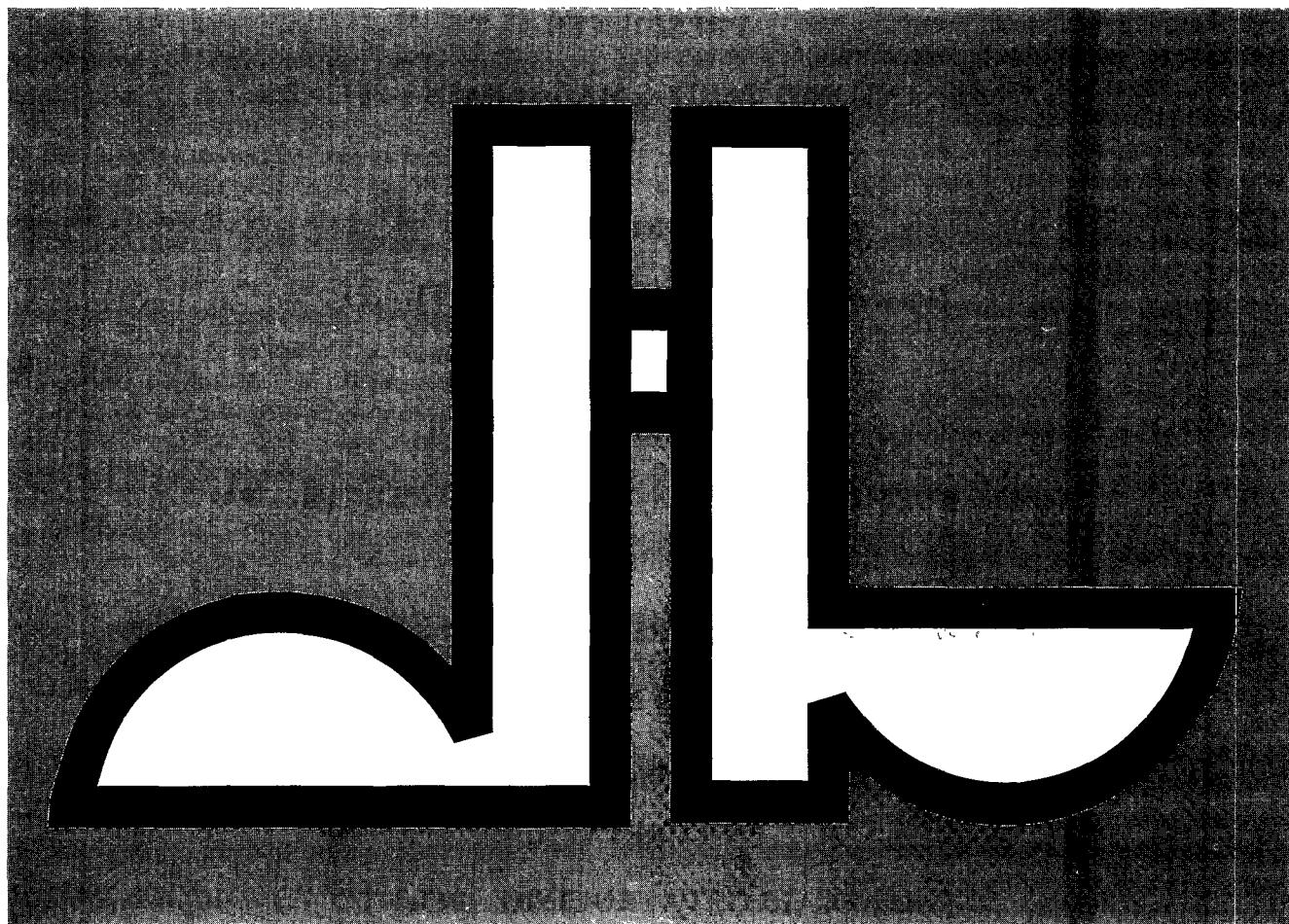




República Federativa do Brasil



**DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
SESSÃO CONJUNTA**

MESA DO CONGRESSO NACIONAL

PRESIDENTE

Senador ANTONIO CARLOS MAGALHÃES – PFL – BA

1º VICE-PRESIDENTE

Deputado HERÁCLITO FORTES – PFL – PI

2º VICE-PRESIDENTE

Senador ADEMIR ANDRADE – Bloco (PT/PDT/PSB/PPS) – PA

1º SECRETÁRIO

Deputado UBIRATAN AGUIAR – PSDB – CE

2º SECRETÁRIO

Senador CARLOS PATROCÍNIO – PFL – TO

3º SECRETÁRIO

Deputado JAQUES WAGNER – Bloco (PT/PDT/PSB/PPS) – BA

4º SECRETÁRIO

Senador CASILDO MALDANER – PMDB – SC

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 – ATA DA 4ª SESSÃO CONJUNTA (SOLENE), EM 28 DE ABRIL DE 1999		
1.1 – ABERTURA		
1.2 – FINALIDADE DA SESSÃO		
Destinada a reverenciar a memória do Deputado Luís Eduardo Magalhães, pelo transcurso de um ano de seu falecimento.	04226	
1.2.1 – Oradores		
Deputado Inocêncio Oliveira – Líder do PFL .	04226	
Senador Jefferson Péres – Autor	04227	
Deputado Aécio Neves – Líder do PSDB....	04229	
Senador Hugo Napoleão – Líder do PFL	04230	
Deputado José Carlos Vieira – Autor	04231	
Deputado Geddel Vieira Lima – Líder do PMDB	04233	
Senador Geraldo Melo – Pela Liderança do PSDB	04234	
Deputado Arthur Virgílio – Autor	04235	
Deputado José Genoíno – Líder do PT.....	04237	
Senador Antonio Carlos Valadares – Pela Liderança do Bloco de Oposição.	04238	
Deputado João Herrmann Neto – Autor.....	04239	
Deputados Odelmo Leão e Jonival Lucas Júnior – Pela Liderança do PPB	04239	
Deputado Miro Teixeira – Líder do PDT		04239
Senador Leomar Quintanilha – Líder do PPB		04241
Deputado Roberto Jefferson – Líder do PTB .		04242
Senador Arlindo Porto – Líder do PTB		04243
Deputado Pedro Valadares – Pela Liderança do Bloco PSB/PCdoB		04244
O Sr. Presidente (Antonio Carlos Magalhães)		04245
1.3 – ENCERRAMENTO		
2 – DISCURSOS PRONUNCIADOS PELO DEPUTADO JOSÉ ROCHA, E PELOS PRESIDENTES MICHEL TEMER E ANTONIO CARLOS MAGALHÃES, NA SOLENIDADE DE INAUGURAÇÃO DO EDIFÍCIO LUIS EDUARDO MAGALHÃES, REALIZADA ÀS 10 HORAS DO DIA 28 DE ABRIL DE 1999, NO SAGUÃO SUPERIOR DO ANEXO II DA CÂMARA DOS DEPUTADOS (EM FRENTE À BIBLIOTECA)		
3 – COMISSÃO MISTA DE PLANOS, ORÇAMENTOS PÚBLICOS E FISCALIZAÇÃO		
4 – COMISSÃO PARLAMENTAR CONJUNTA DO MERCOSUL (REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA)		

Ata da 4^a Sessão Conjunta (Solene), em 28 de abril de 1999 1^a Sessão Legislativa Ordinária da 51^a Legislatura

Presidência do Sr.: Antonio Carlos Magalhães

(Inicia-se a sessão às 10 horas e 50 minutos)

(Compõem a Mesa: à direita do Presidente Antonio Carlos Magalhães: o Deputado Michel Temer, Presidente da Câmara dos Deputados, e o Deputado Ubiratan Aguiar, 1º Secretário; à sua esquerda: o Vice-Presidente da República, Senhor Marco Maciel, e o Senador Carlos Patrocínio, 2º Secretário.)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães)

– Peço aos Srs. Parlamentares e convidados para ocuparem os lugares nas bancadas.

Vamos dar início à sessão.

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães)

(Faz soar a campainha.)

(Apresentação de vídeo sobre a vida de Luís Eduardo Magalhães no painel eletrônico.)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães) – Declaro aberta a sessão solene que foi convocada, em virtude de requerimentos aprovados pelo Senado Federal e pela Câmara dos Deputados, para reverenciar a memória do Deputado Luís Eduardo Magalhães, pelo transcurso de um ano de seu falecimento.

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães)

– Concedo a palavra ao nobre Deputado Inocêncio Oliveira, Líder do PFL na Câmara dos Deputados.

O SR. INOCÊNCIO OLIVEIRA (PFL – PE. Pronuncia o seguinte discurso.) – Exm^o Sr. Presidente do Senado Federal e do Congresso Nacional, Senador Antonio Carlos Magalhães, Exm^o Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Michel Temer, Exm^o Sr. Vice-Presidente da República Marco Maciel, neste ato também representando o Excelentíssimo Senhor Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, demais membros da Mesa do Congresso Nacional, Srs. Ministros de Estado, Srs. Líderes dos diferentes Partidos com assento na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, caríssimo Governador do Estado da Bahia, Dr. César Borges, terra natal do grande Líder Luís Eduardo Magalhães, cuja memória é hoje homenageada, D. Michelle, sua mui digna esposa, e Luís Eduardo Magalhães Júnior, Duquinho, que representam a família, minhas senhoras e meus senhores, estou ainda emocionado pelo vídeo que acabamos de as-

sistir, no qual, cada vez mais, se nota a presença marcante de um homem que tão pouco viveu e que deixou tantos exemplos a esta Casa e ao País.

Por isso, para fugir da emoção desta solenidade, que tem 21 Parlamentares inscritos para falar, e para não me perder na emoção de quem teve o privilégio de conviver com ele durante tanto tempo, de receber os melhores exemplos de altivez, de coragem cívica, de patriotismo e, sobretudo, de respeito às instituições democráticas do nosso País, resolvi escrever algumas notas, algumas linhas, para, em cinco ou sete minutos, prestar a minha homenagem àquele que foi, sem sombra de dúvida, o maior político da sua geração e, assim, proporcionar a todos os demais inscritos a mesma oportunidade.

Qualquer homenagem que se preste a Luís Eduardo Magalhães é muito pouco. Acredito que isso precisa ser feito ainda, para que se desenvolva no sentimento do brasileiro o espírito de nacionalidade, de amor à Pátria e, sobretudo, de reconhecimento àqueles que tudo deram, até a própria vida, em benefício da Nação e do seu povo.

Neste dia de luto o nosso pensamento está voltado para Luís Eduardo Magalhães, com a dor de uma imensa perda: a do companheiro de plenário e a do político solidário nas lutas que empreendemos, juntos, para mudar o Brasil e alcançar, ainda neste milênio, padrões mais altos de comportamento político e não apenas melhores índices econômicos e sociais. Havia no político baiano – honra e glória do seu povo -, ao lado da preocupação pelas causas da nacionalidade, uma preocupação ética que o norteava em todo processo de votação nesta Casa e também nos entendimentos e discussões com as diversas lideranças dos Partidos.

A deontologia do político – os princípios e fundamentos morais sobre os quais se alicerça a nossa atuação parlamentar – era uma das suas teses mais constantes, a par da busca de mostrar que o social-liberalismo, como doutrina, é a que melhor se ajusta ao Brasil contemporâneo, no caminho do resgate impostergável da nossa pesada dívida social e no objetivo de levar o nosso País a resolver os seus graves conflitos internos, provocados pela má distribuição de renda, pela falta de investimentos na

promoção social das suas populações e pela inaceitável desigualdade regional.

Recordo, aqui, o que disse no dia da morte de Luís Eduardo: "Ele sabia – e com ele aprendemos a lição – que algumas pessoas mudam de partido por causa das suas convicções. E que outras mudam de convicção por causa de seu partido. Mas a sua fidelidade – a de Luís Eduardo Magalhães – às doutrinas liberais nunca o afastou das preocupações com o social. Nisto fomos, mais de uma vez, coincidentes: o social temperando os excessos do mercado. Buscamos, juntos, a redução do papel do Estado, fugindo à tentação do Estado-padrinho, do Estado-gerente e do Estado-intervencionista, para diminuir, mais na frente, o clientelismo partidário."

Nos Estados Unidos, como apontava, em 1997, Robert Kuttner, no seu livro *Tudo à Venda* (Everything for Sale, Alfred A. Knopf, ed., New York 1997), "a alternativa ao *laissez-faire* nunca foi o socialismo."

Ao contrário, a ação política, de Hamilton a Lincoln, de Franklin Roosevelt a Lyndon Johnson, patrocinou o que veio a ser conhecido como uma economia mista. A idéia era que as forças do mercado podem fazer muitas coisas bem – mas não todas as coisas. O Governo age, corretivamente, para promover o desenvolvimento, temperar os extremos distributivos do mercado, reagir à tendência de o mercado solto esmagar os agentes econômicos mais fracos e remediar seu fracasso e sua miopia em investir muito pouco na produção de bens públicos e impedir sua tendência a investimentos que, maciçamente, possam degradar o meio ambiente.

A Europa de hoje debruça-se sobre a busca de uma terceira via que exatamente permita fugir às limitações e às imposições do mercado idealizado como ícone ideológico e cultural, de tal modo essa idealização pode afetar até mesmo as relações interpessoais, dando a tudo e a todos, no cotidiano das nossas vidas, um caráter de rentabilidade.

Não queremos para as futuras gerações brasileiras que esse totem cultural – o mercado – absorva suas mentes a ponto de criar-se uma cultura da rentabilidade nos menores atos da nossa vida social, sobrepondo-se perversamente o econômico ao espiritual e ao cultural, no seio da família e da sociedade, no seio da própria Nação.

Uma nova ética cívica está a ser reclamada em todo o mundo, pois vivemos realmente a democracia da transparência, a democracia do holofote, na qual todos os nossos atos são examinados, julgados, criticados. Por isso, Sr. Presidente Antonio Carlos, saudoso pai do inesquecível e imprescindível Luís

Eduardo, a lição que ele nós deixou, na sua curta mas fecunda vida de estadista, foi a da busca da geometria perfeita entre o Estado e o mercado; entre o socialismo democrático e o liberalismo. Daí a insistência da nossa defesa do social-liberalismo, dos seus valores doutrinários e da sua **praxis** política.

Sigamos o velho conceito anglo-saxão de que "a brevidade é virtude". E deixemos, aqui, o nosso canto elegíaco à memória, à personalidade e à vida de Luís Eduardo Magalhães, cuja imagem de fidelidade ao Brasil, à Bahia e aos seus concidadãos, na procura da solidariedade humana, está indelevelmente fixada nas páginas da história política da nossa terra e do nosso povo.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães) – Concedo a palavra ao nobre Senador Jefferson Péres, autor do requerimento no Senado Federal.

O SR. JEFFERSON PÉRES (Bloco/PDT – AM. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente do Congresso Nacional, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Sr. Vice-Presidente da República, Srs e Srs. Parlamentares, autoridades, familiares do homenageado, Senador Antonio Carlos Magalhães. Na definição de Carlos Heitor Cony, todo ser humano é um poeta-trágico. Um claro-escuro. Poeta, porque iluminado pelo senso de beleza; trágico, porque ensombrecido pela consciência do próprio fim. Se o primeiro nos concede alegria pela fruição estética da vida, o outro nos impregna de tristeza, pelo sentimento de que nos falava Miguel de Unamuno, ao sabermos de nossa transitoriedade neste mundo. Mesmo aqueles que, animados pela fé, vislumbram vida no além-túmulo, mesmo para esses, a esperança do renascimento não alivia de todo a certeza da finitude da sua passagem terrena.

Por isso, buscamos desesperadamente um sentido para a vida, a se traduzir num projeto profissional ou afetivo, que infunde relativa conformação com a morte, ainda assim indesejada, mas aceita, quando a missão auto-imposta consegue ser cumprida.

Inassimilável, no entanto, para todos nós, a morte prematura, subversora da ordem natural. Especialmente para um pai, quando perde um filho no esplendor da segunda idade, exatamente **nel mezzo del camin**. Certo que a morte de um ascendente próximo, pai ou mãe, é muito doída, mas o sofrimento se ameniza pela espera do desenlace, para o qual intimamente nos preparamos. Daí por que a nação inteira se comoveu, um ano atrás, com o transe do senador Antônio Carlos Magalhães, ao

perder aquele que tanto amava e no qual projetava a realização de um sonho inacabado. Como já foi expresso tantas vezes, pelo depoimento de outros pais sofredores, somente pode avaliar a dor causada pela morte de um filho quem já a sentiu. É uma funda punhalada na alma, e dura para sempre. Nos versos lapidares de Keats, **a thing of beauty is a joy forever** (uma coisa bela é uma eterna alegria). Igualmente se poderá dizer que a mais feia das coisas a feia face da morte é uma eterna tristeza. Ainda mais se o morto era parte de nós e se o víamos como a nossa parte melhor.

A morte de Luís Eduardo Magalhães chocou a todos, e não apenas a seus familiares e amigos, seja pela precocidade, seja pelo inesperado, já que tombou se me desculpam a imagem tão desgastada como se fulminado por um raio em dia de céu azul. Difícil aceitar tenha terminado assim uma vida marcada pelo signo da vitória, como se predestinada à grandeza, em plena curva ascensional, que parecia conduzi-lo quase inexoravelmente à culminância do mais elevado posto da República. Apolíneo, elegante, educado, bom caráter, inteligente, enfeixava-se nele um conjunto de atributos que raramente se reúnem numa só pessoa. Isto para não falar da competência política, de reconhecimento unânime, e revelada em diferentes passagens de sua vida, sobre as quais me dispenso de falar, proclamadas que foram, à exaustão, por outros que com ele conviveram mais de perto. Qualidades que se somam talvez a acasos felizes, na rara conjugação de "fortuna" e "virtú", referidas por Maquiavel, que nem sempre ocorre na vida, muito menos nesse estranho mundo de valores subvertidos, que é a política, onde inexiste o sistema de mérito e freqüentemente a mediocridade suplanta o talento, o vício esmaga a virtude e a sorte distribui, a mancheias, castigos injustos e prêmios imerecidos.

Não foi assim com Luís Eduardo, incluído na categoria dos eleitos, porque nele se conjugaram a "virtú", que todos lhe reconheciam, e a "fortuna", que os deuses não lhe negaram, sabe-se lá por quais insondáveis desígnios, que jamais descobriremos. E mesmo a morte prematura para os incrédulos, o supremo infortúnio terá sido a forma de preservá-lo, quem sabe, de dissabores futuros e de uma velhice cinzenta que por certo não desejaria. Até nisso, pode ter sido um abençoado.

Mas não é assim para os que ficaram, aos quais a perda fere, e fere muito. Eis por que não será fácil dimensionar a dor inconsolável do pai, traduzida na angustiada pergunta dirigida aos céus: por que ele e não eu? Exclamação que a muitos fez

recear se em seu íntimo não ganharia corpo e desejo manifestado no soneto antológico do gênio maior da Língua Portuguesa:

" E se vires que pode merecer-te
Alguma coisa a dor que me ficou
Da mágoa sem remédio de perder-te
Roga a Deus, quę teus anos encurtou
Que tão cedo de cá me leve a ver-te
Quão cedo de meus olhos te levou."

. Embora me prosterne ante a imensidão do sofrimento do senador Antônio Carlos Magalhães, ouso pedir-lhe não rogue a Deus para abreviar-lhe o reencontro com Luís Eduardo, porque talvez não esteja concluída sua missão neste vale de lágrimas, por muito grande a contribuição que dele ainda se espera, na forma de doação à vida pública do nosso país, concordemos ou não com as suas idéias e com a sua maneira de expressá-la. Sem contar a alegria que certamente dará, ao filho que se foi, se ele nos puder observar, lá do nicho de eternidade onde se encontra.

E quando as lembranças teimarem em machucá-lo, pense como o cronista, para quem "os momentos perfeitos que passaram, não se perderam; que importa que uma estrela já esteja morta se ela ainda brilha no fundo de nossa noite e de nosso confuso sonho?" Para a solidão, haverá de achar alívio no carinho dos que lhe são próximos, um bálsamo para o golpe sofrido, como assinala Norberto Bobbio, ao dizer que no outono da vida "a melancolia é suavizada pela constância dos afetos que o tempo não consumiu".

Sr. Presidente, Sr^ss e Srs. Parlamentares, um necrológio, por mais bem intencionado, terá sempre o efeito de escalavrar a ferida aberta. Por isso, fiquei a me perguntar, durante algum tempo, se não seria melhor deixar fluir a data em respeitoso silêncio. Mas ao mesmo tempo me indagava se o mutismo do Senado não seria confundido com indiferença, que soaria injuriosa para com a memória do parlamentar e indelicada para com o presidente da Casa. Afinal, venci a dúvida e me decidi pela homenagem, com esta manifestação, em meu nome pessoal, não para compartilhar da dor de seus familiares, porque esta, personalíssima, é incompatível, mas para expressar a imorredoura saudade, esta sim, comum a todos, dessa figura de escol da política brasileira que foi Luís Eduardo Magalhães.

Era o que eu tinha a dizer. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães)

– Concedo a palavra ao nobre Deputado Aécio Neves, Líder do PSDB na Câmara dos Deputados.

O SR. AÉCIO NEVES (PSDB – MG. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Exmº Sr. Senador Antonio Carlos Magalhães, digno Presidente do Congresso Nacional, Exmº Sr. Michel Temer, Presidente da Câmara dos Deputados, Exmº Sr. Vice-Presidente da República, Dr. Marco Maciel, Srs. Ministros de Estado, Srºs e Srs. Parlamentares, demais autoridades presentes, minhas senhoras e meus senhores, não faz muito tempo, em nome do Partido da Social Democracia Brasileira, e em meu nome pessoal principalmente, estive nesta tribuna para falar de Luís Eduardo.

Naquela oportunidade – recorda-se o Presidente Antonio Carlos Magalhães –, não consegui fazer o pronunciamento escrito, formatado, que havia, em nome do PSDB, trazido a esta tribuna. Preferi falar com a emoção do momento, talvez privando os meus companheiros do plenário das razões que justificassem, de forma mais consistente, a minha presença na tribuna. Naquele momento, falei como quem perdia um companheiro não de passado, mas de um longo futuro.

Passado o tempo, vejo novamente sua família e seus amigos, e parece-me que não passou tempo algum. Há aquele mesmo sentimento de perda, não apenas de um aliado de idéias, mas de geração, que compreendia a necessidade de, com coragem, se fazerem transformações profundas neste País. O sentimento, Sr. Presidente, Srºs e Srs. Parlamentares, é ainda o mesmo. E é com ele que volto à tribuna, em nome do meu Partido, para dizer mais algumas palavras em relação a essa insuperável perda.

Quando, há um ano, esta Casa realizou sessão para homenagear aquele de cujo convívio nos vinha privar cruel armadilha do destino, os pronunciamentos então proferidos deixavam claras a comoção e a dor de que nos achávamos possuídos, todos nós, colegas que Luís Eduardo sôbera transformar em amigos. Já então, além da dor manifesta, do sentimento de atordoamento que nos impõe a constatação inafastável da fragilidade inerente à vida humana, estava presente o sentimento de que o Parlamento e a Nação brasileira estavam sendo privados de alguém a quem se negava oportunidade de expandir, em plenitude, o seu valor. Pranteava-se um presente e uma promessa de futuro que não mais se cumpriria.

Perdeu esta Casa um Deputado cuja dedicação ao trabalho parlamentar e vocação para a

vida pública, que exercia com a inteireza de seu caráter, poucos as terão em igual medida. A ele aplicam-se, à perfeição, as palavras atribuídas a Winston Churchill ao recusar título de nobreza a que tinha direito porque sua aceitação o afastaria dos debates políticos do dia-a-dia na Câmara dos Comuns. Teria dito Churchill: "Sou filho desta Casa". Com certeza, Luís Eduardo Magalhães era filho do Congresso Nacional, sem deixar de ser filho de seu pai – ou, talvez, por isso mesmo. Nesta Casa foi que ele viveu intensamente.

Político de posições absolutamente definidas, era exemplo de verdadeiro democrata. Jamais se negava a ouvir os adversários, a considerar razões diferentes das suas, a debatê-las de peito aberto, sem medo de confrontos. Pelo contrário, tinha clara convicção de que é do confronto honesto de posições diversas que surge o consenso. Seu respeito pelos adversários, a sua afabilidade de trato, no entanto, em nada comprometiam a firmeza de suas decisões. Quando convencido do acerto de suas idéias, sabia ser firme e decidido. Na defesa de suas convicções ideológicas jamais tergiversava.

Permita-me, Sr. Presidente, fazer aqui uma breve referência – tenho certeza de que o Deputado Luís Eduardo concordaria com ela –, também com saudade, a um outro ilustre brasileiro que ao mesmo tempo nos deixou e cuja memória hoje também reverenciamos. Refiro-me a um grande brasileiro que, ao lado de Luís Eduardo Magalhães, foi também companheiro de sonhos e de utopias: o Ministro Sérgio Motta.

Sem dúvida, foram a habilidade pessoal de Luís Eduardo em conduzir negociações, a consideração que lhe mereciam as ponderações dos companheiros e, antes de mais nada, a certeza por todos partilhada – aliados e opositores – de que, uma vez dada a sua palavra, a ela se manteria fiel, as razões que fundamentaram o respeito e a credibilidade que conquistou.

A presidência desta Casa, Luís Eduardo a exerceu com a tranquilidade só possível àqueles que se sabem merecedores da confiança e do respeito que lhes são tributados. E, por certo, à serena firmeza com que se dedicou a buscar acordos e convergências e à habilidade de um verdadeiro líder na condução das discussões e votações no plenário, devemos o volume apreciável de trabalho realizado durante o período em que a presidiu.

Consolidar a imagem da Câmara dos Deputados como a mais representativa das instituições democráticas, como uma Casa de gente que trabalha efetivamente em projetos realmente importan-

tes para o País e sua gente foi sua preocupação constante. Qualquer ato ou comportamento que significasse autodesmoralização do Congresso suscitava imediata e vigorosa reação de sua parte. Era sua ambição torná-la inatacável. O respeito que lhe dedicava, o Deputado Luís Eduardo o exigia de todos os que aqui militavam. Esse terá sido, talvez, entre todos os exemplos que nos deixou, um dos mais preciosos e dignos de serem seguidos.

Srs e Srs. Congressistas, que a sessão de homenagem que hoje realizamos, além de tributo à memória de um jovem líder, seja também uma reafirmação de nossa decisão de jamais permitir que esta Casa possa ser, em qualquer circunstância, ferida em sua dignidade. Feri-la é ferir a própria democracia.

Permita-me, por fim, ilustre Presidente Antonio Carlos Magalhães, lembrar que, há muitos anos, por caminhos que só o destino poderá um dia explicar – ou talvez sejam mesmo inexplicáveis –, choramos juntos a falta de outro grande brasileiro. No mesmo 21 de abril de em 1985, V. Ex^a e a Nação brasileira estiveram ao lado de nossa família, sofrendo com o falecimento daquele que significava ou que inspirava um tempo novo de avanços, de progressos, de democracia no Brasil. Refiro-me ao meu avô, Tancredo Neves.

Passados tantos anos, em outro 21 de abril – não me perguntam a razão dessa coincidência, pois certamente não saberei explicar –, perco um outro grande amigo. Porém, busco, na memória do convívio que tive com o meu avô Tancredo Neves e na experiência que pude ter ao lado de Luís Eduardo Magalhães nesta Casa, constante inspiração para continuar suas lutas em favor de uma Pátria mais justa e mais solidária.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães)

– Concedo a palavra ao nobre Senador Hugo Napoleão, Líder do PFL no Senado Federal.

O SR. HUGO NAPOLEÃO (PFL – PI. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente desta sessão do Congresso Nacional, Senador Antonio Carlos Magalhães, Sr. Vice-Presidente da República Marco Maciel, Sr. Presidente da Câmara dos Srs. Deputados, Deputado Michel Temer, Sr^a Michele Magalhães, família de Luís Eduardo Magalhães, Srs. Ministros de Estado, Srs. Congressistas, Sr^s Parlamentares, cheguei a esta Casa há 24 anos. Ocupei esta mesma tribuna em diversas oportunidades, quando na Câmara dos Deputados ou quando na Assembléia Nacional Constituinte. Tive momentos

de alegria exatamente aqui e tive momentos de tristeza exatamente aqui, como, quando da sessão de homenagem póstuma, em que saudei o meu querido e grande amigo Senador Petrônio Portella.

Certamente, hoje era um dia em que não gostaria de estar aqui pois este não foi um momento esperado: preferímos todos estar vendo aquela figura fulgurante de Luís Eduardo Magalhães atravessando os corredores deste plenário ou, como assistimos no vídeo, falando como Presidente da Casa, ou da tribuna de apartes, com aquela veemência que lhe era característica, mas com a urbanidade que nunca lhe faltava.

Encontrava-me entre aqueles que estavam no Hospital Santa Lúcia naquele fatídico entardecer de 21 de abril de 1998, quando seu coração tinha as últimas pulsações, dava as últimas batidas. No entanto, não deixa de bater dentro dos nossos corações até hoje a sua memória, porque ele deixou, de maneira indelével, gravada em todos nós e no nosso País, o exemplo de um autêntico homem público e de um líder notável da minha geração.

Estávamos lá, sim, naquele ocaso triste, todos sentindo, todos lamentando e todos chorando. Vinte e quatro horas depois, já no seu enterro, em Salvador, capital do glorioso Estado da Bahia, matizes políticas de todo o Brasil estavam ao lado da população baiana, consternada em razão daquele triste evento. Foi quando uma senhora do povo saiu gritando e, constrangida, como todos naquele momento disse: "O Brasil e a Bahia perderam um líder, mas o céu ganhou um anjo". Essa foi a imagem popular deixada por um representante do povo.

Ali estávamos todos: chorando, sofrendo, sentindo, machucados, doídos, condoídos, porque ia-se o nosso ídolo, aquele que certamente ainda teria mais páginas bonitas a gravar na História do Brasil.

Imagino a dor de seu querido pai. Eles, pai e filho, viviam em simbiose perfeita, entendiam-se por olhares: Antonio Carlos e Luís Eduardo, ao entreolharem-se, eles já sabiam o que um e o que o outro pensava. Transmitiam um ao outro a energia de que ambos precisavam para seguir trabalhando pelo Brasil. Na primeira eleição do Presidente Antonio Carlos Magalhães para a Presidência do Senado Federal encontravam-se ambos, Antonio Carlos e Luís Eduardo, no plenário do Senado, com os olhos voltados para o painel e vendo o resultado que proclamava o pai Presidente do Senado Federal. Existe foto que registra o fato no gabinete da Presidência. Eu estava lá naquele momento feliz. Era isto: a vida

dos dois se completava. Mas o Presidente do Congresso Nacional, o vibrante Senador Antonio Carlos Magalhães, pode saber que estamos todos juntos e irmanados na lição que deixa Luís Eduardo Magalhães.

Com uma vida marcante que começou na Assembléia Legislativa da Bahia, que lhe ensinou o amor ao Parlamento, e que continuou na Câmara dos Deputados, onde avivou todo seu sentimento de liberalismo, conduzindo tão bem momentos de discussão como os do Projeto da Constituição – uma discussão profunda, marcante, serena, firme e, sobretudo, com dons e dotes de brasiliade. Mais do que isso, passou-se, com unhas e dentes, para as reformas do Brasil. Acreditava piamente, como todos nós, que urgia enxugar o Estado brasileiro e deixar que a sociedade se ocupasse daquilo de que deve ocupar-se. E, com galhardia e com grandeza, pontilhou, andou, caminhou, defendeu as teses que lhe pareciam corretas. Nos bastidores, era também um homem que sabia tecer. Aliás, Luís Eduardo Magalhães foi o tecelão das grandes causas brasileiras da atualidade, da virada da página da História do Brasil. Sempre inspirado em boa hora pelo mentor do nosso Partido, o Senador Marco Maciel, todos seguimos com fé nosso liberalismo, no qual Luís Eduardo Magalhães acreditava com destemor.

Essa passagem agradável dos momentos em que podíamos trocar idéias a respeito da política, de um homem que, como definiu Eliane Catanhede, certa vez, "agia com cautela", e tinha arrojo também. Era um homem que dizia frases lapidares. Quando, por exemplo, exigiram-lhe maioria nas votações do Governo, ele disse: "Sou político, não sou mágico"; quando quiseram atribuir-lhe a coordenação geral da política do Brasil disse: "Não, o coordenador é o Presidente da República", ao qual, aliás, ele sempre foi fiel e do qual se fez amigo. Já em outro momento, quando achavam que o Governo poderia não ganhar uma votação na Câmara dos Deputados, ele disse: "Mas o Governo pode não ganhar; pode até perder. Mas não pode perder a verdade". Era esse o Luís Eduardo, com quem ainda convivemos e conviveremos sempre.

Já não me é mais lícito, Sr. Presidente, continuar, até porque outros oradores hão de se manifestar. Mas não queria deixar de extravasar minha alma com saudade. Quero concluir com uma frase de Dorival Caymmi, que me parece adequada: "E assim adormece esse homem, que nunca precisa dormir para sonhar, porque não há sonho mais lindo do que a sua terra".

Sr^ss e Srs. Congressistas, Luís Eduardo Magalhães não morreu; ele apenas adormeceu. E onde

está continua sonhando com o nosso Brasil. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães) – Concedo a palavra ao nobre Deputado José Carlos Vieira, autor do requerimento na Câmara dos Deputados.

O SR. JOSÉ CARLOS VIEIRA (PFL – SC. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador Antonio Carlos Magalhães; Sr. Vice-Presidente da República, Marco Maciel; Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Michel Temer; Sr^ss e Srs. Congressistas, autoridades, Sr^ss e Srs. familiares e demais presentes, lembrei-me, agora, da frase do grande Padre Antônio Vieira, antes de iniciar o seu célebre Sermão do Mandato. Dizia ele assim: "Rogo a Deus que o povo não saia daqui tão desenganado da pregação quanto vem enganado com o pregador, em face de tamanho merecimento do tema".

É evidente que não há engano quanto ao orador, mas a presença de tantas autoridades nesta solenidade atesta para todo nosso País, neste momento, o grande merecimento desta célebre sessão.

Como tive oportunidade de destacar, ao requerer a realização desta sessão de homenagem, "se um País se faz com homens e livros, é de fundamental importância que se cultive, na memória do povo, o exemplo daqueles que dedicaram grande parte da vida a uma causa nobre. No caso de Luís Eduardo, sua vida foi dedicada a conferir credibilidade à atividade política. Nesse aspecto, ele, inegavelmente, sempre fez a sua parte".

Para ele, Sr. Presidente, a política, mais do que instrumento para a conquista e o exercício do poder, era a oportunidade de promoção do bem comum e de correção das injustiças sociais. Se na política ninguém é insubstituível, certamente, há os que fazem falta. E Luís Eduardo está nessa categoria de políticos que deixaram uma grande lacuna. Os acontecimentos políticos deste último ano estão aí para comprovar tal assertiva, pois, sem querer absolutamente desmerecer os que hoje estão incumbidos da condução política do Governo, todos nos ressentimos da sua firme, porém serena, atuação.

Vejo com enorme satisfação que Luís Eduardo, que já era uma grande saudade no coração do povo brasileiro, hoje vem tendo o seu nome vinculado a muitos logradouros em diversas partes do País.

É uma justa homenagem à sua memória, que certamente conforta a alma dos que lhe foram mais próximos, por laços de sangue ou de amizade, mas que tem o mérito maior de perpetuar, para as futuras

gerações, o exemplo de alguém que se doou por inteiro à busca de soluções para os graves problemas que afigem a sociedade brasileira.

Nunca é demais, porém, repetir o que disseram o Presidente desta Casa, Deputado Michel Temer: "...tinha ele a capacidade extraordinária de manter a palavra dada, o que revelava, a luzes claras, a sua dignidade pessoal", e o Deputado José Genoíno: "Foi para nós, na condição de adversário político, exemplo de competência, transparéncia e seriedade no enfrentamento, na negociação e, principalmente, na relação autônoma entre a condição humana e a política... a política não era para aquele jovem líder algo pesado, feio, uma obrigação, mas, intrinsecamente, a condição libertadora do sujeito político..."

Sr. Presidente, Srs. Congressistas, Srs. familiares e demais presentes, neste momento, destaco, para nossa profunda reflexão, três pontos que considero de fundamental importância. O primeiro é uma pergunta: Valeu a pena lutar, trabalhar tanto, dedicar-se tão profundamente a uma causa? O Luís Eduardo teria uma resposta imediata para isso. Aquele homem, de alma tão enobrecida, que colocava os interesses da coletividade acima dos seus interesses pessoais, que transbordava de qualidades de caráter e de tranqüilidade, certamente diria de pronto: Valeu sim!!

Entretanto, Sr. Presidente, se pudéssemos antever os acontecimentos, se tivéssemos o dom dos profetas, se vislumbrássemos qualquer possibilidade de vermos nosso líder político em dificuldades, certamente nos anteciparíamos e diríamos: "Pare um pouco, Luís Eduardo! Não se envolva tanto. Nós precisamos muito de você!"

O segundo ponto que submeto à reflexão de todos é: para qual caminho a liderança de Luís Eduardo estava indicando? Ele, que era nosso líder natural, líder pelo trabalho, mostrava-nos a necessidade do fortalecimento e da valorização do Legislativo, idéias essas que hoje estão sendo perseguidas com muito discernimento pelos nossos líderes, especialmente pelo Líder do nosso Partido, Inocêncio de Oliveira, capitaneados pelo nosso Presidente Michel Temer. Luís Eduardo trabalhava de forma solidária com os Partidos, com extraordinária capacidade de unir. Demonstrava a necessidade do político de ser bem preparado e inteligente, de trilhar o caminho do companheirismo, único capaz de derrubar os muros que param, e de criar pontes ligando idéias e pessoas.

Sempre que necessitei da colaboração política de Luís Eduardo – e isso aconteceu várias vezes –,

deparei-me com um atendimento cordial, sincero e objetivo, mas principalmente pude notar o afeto com que ele tratava seus companheiros. E, nas conversas que tive com outros Parlamentares, pude constatar que Luís Eduardo era sempre o mesmo.

Esse comportamento caracterizo como sabedoria. Ele era um sábio! E, como aprendi a ter uma fé raciocinada, aquela que pode encarar face a face com a razão em qualquer época da humanidade, tenho a certeza absoluta de que ele continua sábio, de que ele vive e está hoje aqui nos inspirando a trilhar o caminho do bem para o Brasil.

Por fim, Sr. Presidente, destaco o terceiro e último ponto, também para a profunda reflexão que fazemos, mas agora em especial para a família do amigo Luís Eduardo. Nunca será suficiente falarmos e falarmos a respeito do que foi aquele homem. Nada recompõe a falta de um familiar: um irmão, um marido, uma mãe, um pai, um filho; só quem passou por situação semelhante pode avaliar o tamanho da perda, só quem sofreu em seu círculo familiar a dor do passamento sabe que somente a fé em Deus e na vida eterna pode confortar os corações dos que ficaram, na certeza de que o reencontro é certo para aqueles que são amados.

Prezado Senador Antonio Carlos Magalhães, permita-me falar como pai também. Amamos intensamente e igualmente todos os nossos filhos. Hoje, no plenário, encontra-se meu filho Carlos André, que estuda Direito aqui e com quem moro nos dias em que fico em Brasília. Ontem, à noite, conversávamos longamente sobre a nossa certeza da existência da alma e do nosso encontro na vida eterna.

Sabemos, Senador Antonio Carlos Magalhães, que nada pode compensar a dor que sentiu e a saudade que sente, principalmente quando a ação natural da vida se inverte, quando, por motivos transcendentes, que ainda não conhecemos, Deus chama de volta primeiramente o filho. E, com essa incompreensível quebra da naturalidade, vem a surpresa e a dor.

Luís Eduardo, do lugar iluminado que com certeza se encontra, vive feliz ao ver o pai hoje agindo com bravura e destemor, vivendo e ensinando a viver. E mesmo sabendo e sentindo o quanto ainda há de saudoso sofrimento nos corações dos que ficaram, ele sabe que principalmente existe a figura do amor, do amor que une, que perdona, que ensina, do amor de mãe, de irmão, de pai, de alguém que nos dê a mão.

Bravo Luís Eduardo, saudoso Luís Eduardo, nós te reverenciamos neste dia e te guardamos em nossos corações! (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães)

– Concedo a palavra ao nobre Deputado Geddel Vieira Lima, Líder do PMDB na Câmara dos Deputados.

O SR. GEDDEL VIEIRA LIMA (PMDB – BA.

Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente do Senado da República e do Congresso Nacional, Senador Antonio Carlos Magalhães; Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Michel Temer; Sr.: Vice-Presidente da República, Dr. Marco Maciel; Srs. Ministros de Estado; Sr. Governador da Bahia, César Borges; Srs. Deputados e Senadores; Michele; Duquinho; minhas senhoras e meus senhores, 21 de abril de 1999, há 207 anos, vítima da perfídia humana, suplicava na força o Patrono da nossa Independência, Tiradentes.

Em 1985, nesta mesma data, às súbitas, falecia o recém-eleito Presidente desta Nação, Tancredo Neves, depositário das mais adormecidas esperanças e expectativas do nosso padecido povo.

No ano próximo passado, uma vez mais nesta fatídica data, um coração claudicante fez sangrar milhões de outros corações que nele criam, na certeza de que pulsaria fervorosamente, por toda uma longa vida, na incessante busca de uma Bahia e de um Brasil mais justo. Morria nosso fraterno e querido amigo Luís Eduardo Magalhães, recém-indicado candidato ao Governo da Bahia por uma imbatível coligação, que, pela primeira vez na história recente do Estado, conseguiu, graças a seus atributos de conciliador e à honradez do seu nome e conduta, unir PMDB e PFL baianos.

Desafortunadamente quis o destino ruir uma vez mais nossas esperanças, arrebatando da nossa convivência uma vida tão cara e promissora, que muito tinha a nos oferecer e ensinar. Distintamente do que esperávamos, foi uma vida muito curta a do nosso amigo Luís, mas longa o bastante para deixar marcantes exemplos de espírito conciliatório, caráter, honra, palavra empenhada e sempre cumprida, seriedade com a coisa pública e lealdade eterna.

Parece até que o agosto do calendário nacional foi deslocado para abril, tamanhas e irreparáveis têm sido nossas perdas nesse mês. Desconheço a razão que inspira o destino, num pirronismo sem fim, em insistir na criação de heróis para o brasileiro, que tão acertadamente já foi designado como "profissão esperança". Somos 200 milhões de "Pedros pedreiros esperando o trem, esperando um filho, para esperar também".

Trago ainda na lembrança trechos da letra de uma música de festivais colegiais na minha longín-

qua adolescência nos Maristas: "Vai trem, vai depressa e não destrói. Baixa a morte dos mendigos, cresce a morte dos heróis."

Nosso amigo Luís tornou-se herói, imortal, estrela a brilhar, a nos proteger e a nos guiar do céu. Mas, inconformados com a sua morte, protestamos ao destino e a Deus, argumentando que não precisamos de heróis imortais, mortos a serem venerados. Não podemos mais viver de esperanças, ansiando por um novo salvador da Pátria para usurparem a vida mais adiante, porque, com ele, vai-se um pouco de nós, dos nossos sonhos e projetos. Precisamos, sim, de Luís vivos, de carne e osso, atuantes, que governem, que pensem num Brasil melhor, que baixem a morte dos mendigos!

Muito esperávamos de Luís Eduardo. Víamos nele um exemplo e símbolo da nossa geração, que, por ter vivido em uma época de exceção e obscurantismo, foi sacrificada, não produzindo grandes lideranças. Surgia, então, ele com sua incontestável liderança, persuadindo, dissuadindo, impondo sua autoridade sem jamais ferir quem quer que seja, sendo admirado e querido por opositores e correligionários.

Quer na Presidência da Câmara ou na Comissão de Relações Exteriores, quer na Liderança do Governo, seu trabalho sempre foi digno de nota, elogiado e respeitado por todos. Conduziu, na Câmara, as reformas que o País clamava com tal maestria e brilhantismo que conquistou o respeito de toda a Nação. Sem sombra de dúvida, pelo perfil e serviços prestados ao País, vislumbrávamos, com esperanças, que a sua carreira política, irretocável, conduzi-lo-ia a ocupar o cargo de dirigente desta Nação.

Nesse mar revolto e de fortes tempestades que já há algum tempo o Brasil vem atravessando, quer se fazendo presente em crises econômicas e financeiras, quer em crises de moral e auto-estima, Luís Eduardo despontava como uma bonança, o porto seguro, o porto alegre, o belo horizonte.

Afirmam que toda unanimidade é burra. Mas conseguiu o nosso amigo criar em torno do seu nome, uma unanimidade única, inteligente, que aglutinava oposição e situação, esquerda, centro e direita; todos choraram a sua morte. Para nosso dissabor, há um ano atrás, foi-se com ele um pouco das nossas expectativas. É certo, que estamos a renová-las em busca de novos Luís para acreditarmos, Luís que, queira Deus, não nos deixem tão cedo, não nos tornem heróis longínquos, oníricos, mas se mantenham mais perto de nós, reais,

auxiliando-nos, orientando-nos a criar uma sociedade melhor e mais justa.

Sendo Luís, como nosso amigo, muito raros de serem encontrados, vivemos hoje de lembranças, dor e saudades. Do amigo e do político, sobretudo nestas datas. Aliás, a ele não cabe lembranças, porque não se lembra de quem jamais se esquece, como tão apropriadamente nos toca a palavra que circula em adesivos nos carros, pelas ruas da Bahia, ao lado da sua fotografia: **inesquecível**.

A presença dele é sempre muito forte até hoje para aqueles que, como eu, da sua amizade e convivência tiveram o privilégio de desfrutar. Recorrendo a uma paráphrase diria que a distância está para amizade assim como o vento está para o fogo: apaga os mais fracos, acende os mais fortes.

Viva Luís Eduardo Magalhães. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães)

– Concedo a palavra ao Senador Geraldo Melo, pela Liderança do PSDB, no Senado Federal.

O SR. GERALDO MELO (PSDB – RN). Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.)
– Sr. Senador Antonio Carlos Magalhães, Presidente do Congresso Nacional; Sr. Vice-Presidente da República, Marco Maciel; Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Michel Temer; Deputado Ubiratan Aguiar e Senador Carlos Patrocínio, que compõem a Mesa, familiares do Deputado Luís Eduardo Magalhães, digníssimas autoridades, entre as quais desejo destacar o Governador da Bahia e o Sr. Prefeito de Salvador, Srs. ministros, Srs. Parlamentares, minhas senhoras e meus senhores, lembro-me, meu caro amigo e companheiro de trabalho, Senador Antonio Carlos Magalhães, de palavras suas ouvidas numa tarde que começava a cair sobre a Bahia, quando estivemos juntos, assistidos pelo olhar do Brasil, inaugurando um monumento que a Bahia ergueu em homenagem a seu filho. Recordo-me de uma frase simples, tocante, que resume a sua emoção, a enorme emoção do pai, do líder e do cidadão naquele entardecer, quando V. Ex^a concluía o seu discurso dizendo: "Sou um homem feliz dentro do meu sofrimento". Tem razão V. Ex^a

Aqui não fala o Senador, aqui não fala nem mesmo o que me pediu para falar, que foi o meu Partido, aqui não é a voz de cada um dos Parlamentares que integram a Bancada do PSDB. Gostaria muito mais de ser, aqui, alguém capaz de exprimir o sentimento que tem o cidadão comum, a pessoa do povo, o brasileiro anônimo, desconhecido, cujo retrato não está nos jornais nem nas páginas das revistas e para quem, afinal, destina-se ou deveria

destinar-se o esforço de todos nós. De que forma esse cidadão comum viu a vida de Luís Eduardo Magalhães? De que forma se recorda dela?

Acho que de saudade todos já falaram. Acho que da emoção de conviver com ele no dia-a-dia, construindo uma admiração que fluía, a cada instante, da sua energia, da sua força, da sua competência, todos já falaram. Acho que de saudade e de sofrimento todos já falaram.

Gostaria de agradecer a vida que ele – curta que tenha sido – teve a oportunidade de oferecer ao Brasil e a todos nós: E gostaria de pedir que, na distância que se forma a cada minuto, a cada segundo da convivência que tenhamos tido com ele, maior ou menor, não se apague nessa distância a lembrança da contribuição efetiva que ele deu ao nosso País.

Aqui, mais do que as lembranças de Antonio Carlos Magalhães, que certamente, ao fechar os olhos, recordar-se-á do menino correndo pela sala da casa, do menino crescendo, do menino voltando do colégio, do menino opinando sobre questões políticas, do menino ingressando na vida pública, do menino desenhando, sem dizer nada, a sua posição de sucessor do grande líder político que é o seu pai. Enfim, mais do que todas essas lembranças, está a certeza de que o Brasil, se é que a nossa geração, se é que os políticos de hoje somos capazes de construir o Brasil novo com que sonhamos, se é que da tarefa política que realizamos hoje seremos capazes de fazer brotar uma sociedade mais justa, se é que haveremos de edificar uma pátria para os brasileiros em que haja uma desigualdade menor entre nós, em que haja mais esperança em cada coração, em que haja uma cadeira onde possa sentar-se na escola o filho do povo, se é que seremos capazes de fazer um país onde haja saúde, serviço, assistência, apoio para todos os doentes, se é que seremos capazes de fazer deste País um país com que todos sonhamos. Espero que sejamos capazes de agradecer a todos quanto tenham trazido um tijolo para essa construção.

E sei, Presidente Antonio Carlos, que as suas lembranças hão de se juntar às nossas num sentimento de gratidão pela competência que teve Luís Eduardo de participar da edificação de um País assim, com o qual ele sonhou.

Por isso, trago como cidadão a manifestação da minha admiração e o agradecimento pela vida que ele viveu, pela contribuição que ofereceu ao País. E tudo o que posso lhe dizer é que sei que, dentro daquela personalidade vigorosa, que sabia

conciliar, como poucos, a capacidade de ser enérgico, de exercer a autoridade, de tomar decisões e de ser capaz de fazer com que elas fossem cumpriedas, com a docura, a afabilidade, a simpatia, a capacidade de fazer-se querido pelas pessoas que o conheceram. Eu sei que ao lado de tudo isso há de ficar a gratidão pela participação que ele teve na construção deste País; este País que ele amou e que amou tanto que me permito encerrar as minhas palavras dizendo o que antes de mim um poeta já disse: "O que ele fez, fez muito bem feito, porque tudo que se faz com amor fica bem feito."

Obrigado, senhores. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães) – Com a palavra o Deputado Arthur Virgílio, um dos autores do requerimento.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador Antonio Carlos Magalhães, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Michel Temer, Sr. Vice-Presidente da República, representante do Presidente Fernando Henrique Cardoso, Dr. Marco Antonio Maciel, ilustres membros da Mesa Diretora do Congresso Nacional, Dona Michelle, Luís Eduardo, Srs e Srs. Senadores e Deputados, Srs. Ministros, brasileiros, admiradores e amigos desta grande figura da história brasileira – já se pode considerá-lo assim –, Luís Eduardo Magalhães.

Até mesmo o gesto correto de escrever o discurso, para evitar que a emoção os traísse, não impediu que por ela fossem colhidos brilhantes oradores que por aqui passaram desfilando belas peças de oratória. Eu sei que todos me relevarão pelo vício do improviso e por deixar-me envolver muito pelos sentimentos, ainda que eu faça questão de pontuar de razões a admiração que o País aprendeu a ter pela figura inesquecível, a figura correta, corajosa, brilhante, valente, patriótica, lúcida e com um futuro a perder de vista, a se encontrar com as linhas mais bonitas do horizonte, do Deputado Luís Eduardo Magalhães.

Como disse muito bem o Líder Aécio Neves, abril é mês de heróis: Sérgio Motta, um pouco antes, e, no dia 21, Tiradentes, Tancredo, Luís Eduardo.

Quando conheci o jovem Deputado que presidia a Assembléia Legislativa da Bahia – estive lá em uma delegação de Deputados Federais, por ocasião da luta pela eleição de Tancredo Neves –, pude, logo de início, perceber que ele era mais do que filho de um grande homem; era alguém de muito futuro. Não podia intuir que tão rapidamente ele chegaria à liderança do seu grande Partido na

Câmara dos Deputados, depois seria um brilhante Presidente desta Casa, presidindo momentos difíceis, de quebra de tabus, com energia, sem perder o espírito democrático, com absoluta ternura para com seus adversários e absoluto respeito para com todos os seus aliados. Não poderia jamais imaginar que essa carreira tão brilhante, tão construtiva, que despertava esperanças em tantos corações neste País e respeito em todos aqueles corações e mentes que o conheceram, de perto ou nem tanto, fosse virar um caso do destino, e de forma trágica.

Eu me considerava amigo de Luís Eduardo Magalhães. Amigo, porque, a partir da admiração que tinha por ele, consegui estabelecer nesta Casa, quando a ela retornoi, um diálogo absolutamente sincero o tempo inteiro.

Certa vez, precisei, por razões das quais nem discuto o mérito, formular críticas, desta tribuna, ao seu pai e tive a lealdade e o cuidado de avisar a ele, que cedeu a Presidência da Casa a um Deputado pelas Minas Gerais. Fiz as críticas respeitosas, duras, incisivas, como são do meu estilo e como é do estilo do Senador Antonio Carlos Magalhães. Respeitosas, eu as fiz. Luís Eduardo passou três ou quatro semanas me tratando muito bem, mas com muita formalidade. Percebi que essa simbiose, que foi muito brilhantemente mencionada aqui pelo Líder Hugo Napoleão, entre o pai e o filho que se amavam, quase que se misturando à mesma pessoa, fazia com que uma parte de Luís Eduardo estivesse não com rancor, porque isso era indigno dele, mas com uma ponta de mágoa do amigo que talvez tivesse até exagerado no ardor com que se dedicou a um determinado momento de combate, em certo período da história recente que vivemos.

Sentia-me devedor, até porque sei muito bem dessa relação. Perdi meu pai quando ele tinha 66 anos de idade e ele era o meu melhor amigo. Entretanto, sei que a dor de Antonio Carlos é maior, porque quando a ordem natural das coisas é subvertida a dor é maior, é mais pungente, é mais inclemente. Ainda eu me sentindo devedor, estava ansioso por uma palavra, um gesto, um sorriso a mais, um olhar que nos possibilitasse a plena reconciliação. Um dia, sem que nem para que, quem sabe após um discurso, não sei bem, bate no meu peito e diz: "eu gosto de você, lhe respeito". Não consegui falar nada, emotivo também, o abracei e recomeçamos como se não tivesse havido nada, nenhum contratempo.

Partilhei com ele das suas dúvidas sobre sair ou não candidato a governador da Bahia. Ele tinha a

vocação para a lealdade, a noção da lealdade para com seu pai, para com seu Partido, para com o seu Estado e, ao mesmo tempo, eu intuía nele o enorme prazer com que ele percorria a sua brilhante carreira parlamentar, como figura de primeiríssima grandeza no cenário da nossa política nacional. Venceu a noção da responsabilidade. Venceu a certeza de que tinha que servir ao seu Estado sendo leal ao seu grupo político, sendo leal a sua outra metade, o Senador Antonio Carlos Magalhães. E ele teria disputado e certamente teria vencido a disputa pelo governo da Bahia. Mas, sobretudo, o que me chama a atenção, e se agora consigo sair da emoção e forçar o embarque na racionalidade, o que me chama a atenção na história que se escreveu, que se vai escrever sobre Luís Eduardo Magalhães, é a incrível capacidade que ele tinha de aliar a liderança suave, e às vezes dura, mas a liderança comedida. Se não fosse comedida, não seria uma liderança tão perfeita; e se não fosse suave, não seria talvez aquela liderança do democrata que todos aprendemos a nele reconhecer: a liderança suave, que não se impunha, que era aceita normalmente. Era um homem absolutamente informado, que tinha a noção, a visão e a antevisão das medidas fundamentais que haveriam de tirar este País do estado de atraso em que ele estava mergulhado para catapultá-lo para um futuro, onde, então, poder-se-ia imaginar uma sociedade de renda distribuída com justiça.

Ele tinha a profunda sensibilidade social, até porque tinha o realismo de saber que não se pode projetar um povo socialmente desenvolvido sem que haja política econômica consequente, coerente, realizável e capaz de projetar essa realidade social melhor.

Ele unia a utopia – e ele era um homem de ute-
pias – à certeza de que tinha que trabalhar por reformas profundas, até impopulares, mas essenciais para que se realizasse o sonho do homem, do lutador que tinha o social no seu coração. Por isso, quando Luís Eduardo Magalhães se vai, penso nas suas qualidades. Lembro-me de alguém que, aos 41 anos de idade, depois de ter tido uma passagem interina, breve, pela Presidência da República, depois de ter sido tudo nesta Casa e depois de a Nação ter todo o direito de sonhar que pudesse dele esperar tudo o mais, muito mais, Luís Eduardo Magalhães, no seu enterro, com aquela multidão de baianos que misturava sentimento que a todos contagiava e a todos amargurava, estava ali na sua verdadeira dimensão. A impressão que me dá é que o maior en-

contro que ele teve com a sua terra, o maior encontro que ele teve com as suas origens foi precisamente no momento final de sua vida, quando aquela multidão chegou a me causar claustrofobia, tamanha a intensidade, tamanho o ardor, tamanho o sentimento, tamanha a sensação de perda que aquele povo demonstrava.

Luís Eduardo Magalhães, um líder, um amigo, um homem correto, um homem de bem, um homem capaz de um gesto de perdão e de um gesto de luta, um homem coerente – chegou à maturidade muito jovem, e portanto, tinha muita juventude para exercitá-la – faz falta à sua família. Nem consigo imaginar o tamanho dessa dor. Seu pai é um bravo, porque consegue viver algo que eu não consigo nem sequer imaginar para mim. Neste momento, quero assumir, quem sabe, uma dose fundamental de covardia, quando penso em meus próprios filhos.

Mas sei que a Nação desperdiçou, nesse episódio, um líder que certamente reunia todas as condições para um dia governá-la e para sempre ser um dos seus conselheiros. Por outro lado, tenho certeza de que nós, a Nação, nós, o Congresso, nós, o País, não desperdiçamos nada, porque temos nele o exemplo de alguém que tombou, desgastado por uma luta insana para transformar este País. Era alguém que, sem dúvida alguma, sem temor de estar cometendo qualquer exagero, com sua simplicidade, seu sorriso, sua energia, seu amor próprio, sua ternura, seu talento, assumia todas as condições para que vissemos nele a figura do herói brasileiro. Era aquele que pairava acima dos partidos, pairava acima dos sentimentos menores, aquele que deu muito, mas poderia ter dado muito mais. E, pelo seu exemplo, Luís Eduardo haverá de nos estimular – e muito – para que realizemos um sonho que era muito seu, o sonho de ter este País desenvolvido economicamente, este País pujante, do ponto de vista do seu avanço tecnológico, esta País realista quanto a pagar todos os preços para se fazer a política econômica que um dia vai gerar a felicidade social com que todos sonhamos. E sonhamos juntando a utopia, repito, ao realismo de lutarmos com coragem, com a verdadeira coragem, com a coragem serena de quem propõe, sabendo que tem cabeça, pé, começo e fim, tem tronco e membros, e tem cérebro, sobretudo, a reforma pela qual se luta.

Luís Eduardo Magalhães tem que receber de nós uma grande homenagem, que é a homenagem de fazermos deste País um país desenvolvido e deste povo um povo socialmente feliz.

Era o que eu tinha a dizer.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães)

– Concedo a palavra ao Deputado José Genoíno, Líder do PT na Câmara dos Deputados.

O SR. JOSÉ GENOÍNO (PT – SP) Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Antonio Carlos Magalhães; Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Michel Temer; Exmº Sr. Vice-Presidente da República, Dr. Marco Maciel; Srs. Ministros; Srªs e Srs. Parlamentares, estava no fundo do plenário acompanhando esta homenagem a Luís Eduardo, da qual sinceramente gostaria de participar do microfone de apartes e de questões de ordem.

Foi nesse microfone que esta Casa viveu os enfrentamentos, na sua intensidade, na sua pluralidade e na sua riqueza. Esta homenagem para Luís Eduardo tem que certamente ser marcada – permit-me dizer isto aqui – pela alegria, uma homenagem de esperança, de confiança, porque ele era um homem que fazia política com alegria, com sentimento, sem raiva e intolerância diante da diferença. Falo isso porque, na maioria dos enfrentamentos aqui, estivemos em posições diferentes, como adversários políticos. E nessa condição, nesse convívio, vivemos a riqueza da disputa e da negociação, a riqueza da transparência do político que tem cara e que tem lado; mas, com a mesma radicalidade que tem cara e que tem lado, não é dono da verdade como algo absoluto. A disputa e a negociação produziam na mística do Congresso Nacional e do Parlamento as verdades que fazíamos a cada dia e a cada semana, diante de cada confronto.

Por que é fundamental lembrarmos essa característica em uma homenagem a Luís Eduardo? Por que esta Casa se sente tão próxima de Luís Eduardo? Porque ele vivia intensamente esta Casa, gostava dela, como gostava da política, e a realizava com prazer e com alegria. Ela não era um fardo pesado na realização humana daqueles que fazem política com criação de vontades, com expressão de seus sentimentos e, ao mesmo tempo, de autonomia do sujeito em relação a interesses ou em relação a verdades ideológicas. Ele tinha as suas verdades, mas essas verdades se confrontavam no confronto democrático, no confronto político. E esta Casa se sente tão próxima a Luís Eduardo nos corredores, nas comissões, nos microfones, nas reuniões de negociação, porque sentia nele a intensidade com que ele vivia todos os dilemas do Parlamento. E os dilemas do Parlamento são os dilemas da democracia, os dilemas da disputa pelo futuro do

País, os dilemas dos caminhos que estamos trilhando.

Em muitos momentos de CPI, de cassações, de reformas, de questões de ordem, construímos com Luís Eduardo uma relação que é fundamental na política, uma relação democrática, uma relação de respeito, uma relação de confiança, exatamente porque a política tem para o ser humano o sentido da realização. Essa realização que tem a autonomia do ato de criar, no ato de fazer política. E Luís Eduardo produzia, como Líder, como Parlamentar, como Presidente da Câmara, essa relação enriquecedora com aqueles de quem divergia.

E, Sr. Presidente, Srªs e Srs. Parlamentares, é muito importante esse resgate para que a homenagem não seja uma lembrança do passado. Talvez nessa homenagem a uma pessoa querida que faz a História haja o sentido do resgate daquilo que é eterno. E o que é eterno na qualidade humana do fazer política é o que fica na relação com os humanos. Luís Eduardo deixou na relação com os humanos valores, gosto pela política, transparência. Vivia intensamente a política.

Sr. Presidente do Senado, Sr. Presidente da Câmara, vivi muitos momentos delicados no Congresso Nacional com Luís Eduardo, e era impressionante como ele vivia intensamente esta Casa. Gostava dela, admirava-a. Esta Casa tem todos os defeitos que apontamos e ouvimos, mas tem todas as virtudes da construção da política como o ato coletivo, como o ato da disputa intensa e da negociação, como o ato que faz com que os que estão aqui construam, no Parlamento brasileiro, uma relação que fica. E a relação com Luís Eduardo fica, é permanente e é universal, porque, como sujeito político, como líder político, construiu, nesta Casa, esse prazer que permanece em cada lugar, em cada momento. Esse artesão da política que não tinha uma verdade aritmética, matemática, porque essas verdades são construídas em cada embate, em cada confronto e em cada momento.

Para lembrarmos Luís Eduardo, devemos destacar essa personalidade que está presente entre nós, de lições, de valores, de posturas, para que possamos dar continuidade no confronto, na disputa no Parlamento brasileiro desses caminhos, a fim de construir um País – e disputamos os rumos deste País muitas vezes em posições diferentes – com rumos que possam expressar a sua riqueza, a sua adversidade, para legitimar, aos que propõem esses rumos, a disputa que engrandece e agiganta a democracia.

Por isso, a homenagem que faço a Luís Eduardo é alegre, é uma homenagem de esperança, homenagem a uma pessoa que está presente entre nós pelos seus valores, pela sua postura, pela sua personalidade, pela construção que fazia da política como uma arte que engrandece o fazer humano.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães) – Com a palavra o nobre Senador Antonio Carlos Valadares, pelo Bloco da Oposição do Senado Federal.

O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES (Bloco/PSB – SE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador Antonio Carlos Magalhães; Sr. Vice-Presidente da República, Dr. Marco Maciel; Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Michel Temer; demais componentes da Mesa; Srs e Srs. Ministros; Sr. Governador da Bahia, César Borges; Sr. Prefeito de Salvador, Antonio Imbassahy; Srs e Srs. familiares do Deputado Luís Eduardo Magalhães, com certeza, este não é o momento propício para uma discussão em torno das excelências do sistema neoliberal, nem da abertura dos mercados, nem tampouco das virtudes do socialismo democrático na solução dos problemas sociais. É um momento de reconhecimento e de gratidão a um brasileiro que, no exercício de suas atividades políticas, principalmente parlamentares, cumpriu com coerência, lealdade e devoção o seu dever: o dever de um político nascido na Bahia, que teve uma escola sob o comando de Antonio Carlos Magalhães, cuja liderança no Estado da Bahia é incontestável, mas cujo filho, com a sua competência, abriu espaços, independentemente da liderança que reconhecemos no Senador Antonio Carlos Magalhães.

Este é o momento de revivermos fatos que marcaram também a passagem na Terra do Deputado Federal Luís Eduardo Magalhães. Como disse, é um momento de reconhecimento. Vários oradores enalteceram, com muita propriedade, as qualidades humanas inerentes à personalidade do homenageado, que são verdadeiras e que todos nós, neste momento, reverenciamos.

Eu tive a oportunidade, inclusive nos últimos momentos de sua atividade parlamentar, nesta Casa, de entrar em contato com o Deputado Luís Eduardo Magalhães, quando fui levar-lhe uma reclamação – S. Exª na qualidade de Líder do Governo. Algumas entidades filantrópicas do meu Estado, o Estado de Sergipe, estavam sendo discriminadas porque dotações orçamentárias não estavam sendo liberadas, em virtude de as emendas terem sido apresentadas por parlamentares da Oposição. Isso se deu no Ministério da Saúde. Lá chegando, fomos

informados de que a liberação dessas verbas só poderia acontecer depois que o Senado da República enviasse um ofício ao Palácio do Planalto pedindo a sua liberação. Logicamente que, antes de registrar o protesto no Senado Federal – e que consta dos Anais da Casa para atestar –, fui ao Deputado Luís Eduardo Magalhães, com quem sempre tive laços de amizade – já fomos companheiros de partido há cerca de dez anos –, e ele me recebeu com aquela delicadeza que encantava a todos nós. De imediato, ele telefonou para o Palácio do Planalto e disse que não admitia, como Líder do Governo, que tal discriminação acontecesse com relação aos Parlamentares, pois as verbas eram consignadas no Orçamento e garantidas por direito, e esses parlamentares tinham que ser respeitados.

De fato, eu quis apresentar esse caso, que mereceu a interveniência do Deputado, para demonstrar a sua nobreza de caráter, o seu espírito de solidariedade com os semelhantes, com as pessoas que podiam divergir politicamente de suas idéias, mas que, no momento aprazado, sendo procurado, tentava, de todas as formas, resolver os problemas. Logicamente, com a sua capacidade de liderança na Câmara dos Deputados, ele se tornou credor da admiração dos Deputados e dos Senadores tanto do Governo como da Oposição.

Ao encerrar as minhas singelas palavras, Sr. Presidente, eu gostaria de dizer que a vida tão passageira do jovem Deputado deixou uma falta enorme em nosso meio.

Ele admirava o cancionero popular, era um pessoa alegre, comunicativa, um homem que, de dia e de noite, estava sempre aberto à conversa, ao diálogo e à negociação. Por isso, seria de bom alvitre que lembrássemos o cancionero popular que fala sobre a vida, sobre como ela desaparece de um momento para o outro e que, apesar de ser tão rápida, o que ela nos deixa são os exemplos, o modelo que aqui deixamos para ser seguido pelos mais jovens, por aqueles que admiram as nossas ações.

No cancionero popular, Gonzaga Júnior deixou uma peça, uma canção que aqui resumo e passo a reviver:

"E a vida,
E a vida o que é?
Diga lá, meu irmão,
Ela é batida de um coração?
Ela é uma doce ilusão?
Mas e a vida?
Ela é má vida ou é sofrimento?
Ela é alegria ou lamento?
E o que é, meu irmão?"

Há quem ache que a nossa vida é um nada no mundo, é uma gota, é um tempo que não dá um segundo. Em menos de um segundo, um jovem Parlamentar, que passou tão rapidamente pelo nosso meio, deixou exemplos tão marcantes que nós, neste momento, estamos a enaltecer e a reverenciar.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães) – Concedo a palavra ao Deputado João Herrmann Neto, um dos autores do requerimento.

O SR. JOÃO HERRMANN NETO (PPS – SP) Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. pai e Presidente, Senador Antonio Carlos Magalhães, Presidente Michel Temer, sucessor de Luís Eduardo, Sr. Vice-Presidente Marco Maciel, membros da Mesa Diretora, Srs e Srs. Congressistas, Membros do corpo diplomático presentes, Ministros de Estado, Arthur e eu resolvemos fazer este pedido de homenagem baseando-nos no lastro de quem fala de um amigo e, no transcorrer desta oração, irei dizer ao pai por quê.

Amigo, nesta Casa, em que tanto transcorrem homenagens, é algo difícil de existir, Sr. Presidente. Aqui se compete muito; aqui há valores impostos que nem sempre são de fidalguia; às vezes, banaliza-se a palavra amigo.

Luís Eduardo era meu amigo e vou começar a dizer por quê.

Tenho um filho de dez meses que teve problemas sérios durante a sua gestação, por isso eu necessitava entrar nos Estados Unidos da América, mas, por motivos ideológicos, não me era concedido o visto de entrada. Embora momentaneamente ausente desta Casa, solicitei, não como Parlamentar, mas como amigo, que Luís Eduardo interviesse por mim e por minha esposa. Eu necessitava viajar num sábado e liguei-lhe na quarta-feira. Na quinta-feira, pela Hora Certa, estava o meu passaporte com dez anos de visto para entrada nos Estados Unidos da América.

Portanto, Senador, entre tantas homenagens que possam lhe aliviar a dor, o meu filho Rodrigo tem uma parte de sua família dentro dele, e eu lhe agradeço por isso.

Lembro que a nossa geração perdeu pessoas importantes. Num dia 13 de outubro, o Governador Dante de Oliveira, Arthur e eu, os chamados "capuchinhos" desta Casa, voávamos de helicóptero buscando o corpo do Dr. Ulysses e citávamos as perdas: Tancredo, Ulysses... Ainda tínhamos esperança de achar o seu corpo, mas, à tarde, achamos o

de Dona Mora e do Senador Severo Gomes. Depois, as manifestações de rua. Dante e eu dizíamos que a nossa geração estava perdendo ídolos, mas estava construindo a democracia.

A morte de Luís Eduardo foi muito diferente da de Tancredo e de Ulysses, porque eles haviam morrido construindo um projeto. Eu me perguntava por que esse projeto, que tanto Luís Eduardo representava, poderia nele perder o seu autor. Esse é um mistério da vida.

Diz-se que se começa a morrer quando se nasce e alguns dizem que perder um descendente é mais difícil do que um ascendente. Eu conversava com a Laura, há pouco, sobre quando perdeu o Senador Nelson Carneiro. É difícil separar a dor. É difícil separar o conteúdo do pai ou do filho.

Por isso, nas perdas de homens tão importantes que tivemos, fico com a minha pergunta: qual é a obra significativa que Luís Eduardo nos deixou para construir?

Quando Michel abre o Anexo II com o nome de Luís Eduardo, e vejo o seu busto, lembro-me da primeira visita que fiz aos meus tios na Alemanha. Na casa de cada um deles, que tinham perdido alguém na frente russa ou na Eritréia, havia sempre o retrato de um militar defendendo a causa em que acreditava. O busto de Luís Eduardo representa isto: a homenagem que o País faz a um filho que terminou a guerra como combatente, mas que fica entre nós como construtor da brasiliidade.

Meus cumprimentos, senhor pai. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães) – Concedo a palavra ao nobre Deputado Odelmo Leão, Líder do PPB.

O SR. ODELMO LEÃO (PPB – MG) Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente Antonio Carlos Magalhães, em abraçando V. Ex^a, abraço toda a família do amigo Luís Eduardo; meu caro Presidente Michel Temer; meu caro Vice-Presidente Marco Maciel; Srs e Srs. Parlamentares; Ministros e Governadores, quero pedir ao Sr. Presidente para quebrar o protocolo.

De tudo que eu poderia trazer, neste momento, para relembrar Luís Eduardo, somente tenho uma coisa na memória: a vida. Luís Eduardo, para mim, é vida e, portanto, quero continuar conservando-o como tal. Quero conservar o meu amigo como vida e, com a aquiescência de V. Ex^a, Sr. Presidente, gostaria de mostrar o que aprendi com ele.

Ele sempre me chamava de Leãozinho, e dizia: "Leãozinho, vamos conceder para alcançar", "Leãozinho, vamos dividir para chegar". Quero pedir a

V. Ex^a, Sr. Presidente, em nome do nosso Partido e da nossa Bancada, que conceda a palavra ao jovem Parlamentar Jonival Lucas Júnior, para que fale em nome da nossa Bancada e para que possamos dividir para crescer. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães)
– Concedo a palavra ao Deputado Jonival Lucas Júnior.

O SR. JONIVAL LUCAS JÚNIOR (PPB – BA). Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente do Congresso Nacional; Sr. Vice-Presidente da República Marco Maciel; Sr. Presidente desta Casa, Deputado Michel Temer; Srs. Ministros; Governador César Borges; nosso Prefeito Antonio Imbasahy; Sr^a Michelle; Luís Eduardo Filho; demais autoridades; Sr^ss e Srs. Deputados.

Ao me pronunciar hoje desta tribuna em nome do meu Partido, o PPB, esforço-me por traduzir sentimentos nem sempre fáceis de se representarem por palavras: a reverência, o pesar, a saudade e a perplexidade, diante do absurdo e do imponderável que foi, há um ano, a morte de Luís Eduardo Magalhães.

Quanto ainda mais, fico-me a perguntar, vamos confrontar com o espanto dessa perda insólita, sem jamais entendê-la? Como preencher o vácuo, lembrando a lição de vida e morte a se sucederem até o final dos tempos, ensinamentos perpetuados desde épocas imemoriais, nunca de todo aprendidos, mas que nos obrigamos a rever a cada novo golpe? Quando finalmente compreenderemos, nobres colegas, que não se muda o destino e não se forja a vontade humana, se essa contraria o desígnio divino?

São perguntas de enunciado fácil, mas de respostas implausíveis, redobradas desde 21 de abril de 1998, quando se foi Luís Eduardo Magalhães. Elas continuam a desafiar a lógica e desprezar as emoções.

Tudo já se disse sobre Luís Eduardo: o homem e seu caráter; o líder e sua vocação; o político e seu prestígio; o adversário e sua ética; o conciliador e sua devoção à democracia; o articulador e sua capacidade de ouvir; o pai, o marido, o filho e seu apego às tradições familiares. Luís Eduardo era discreto, afável, dado a conversas, negociações e troca de idéias.

Baiano de alma larga e natureza independente, moço, ainda, atravessou os limites locais, onde desde 1983 estava na política, para se projetar no cotidiano de Brasília. Luís Eduardo Magalhães foi insigne Presidente desta Casa e, depois, também aqui, Líder do Governo. Foram de sua lavra inconfundível inúmeras iniciativas, todas visando a reformar o País, dar-lhe novos instrumentos de modernidade e novos rumos de desenvolvimento. Mercê das características muito bem equilibradas de arrojo e

prudência, juventude e maturidade, idealismo e experiência, apego ao sonho e senso de realidade, já despontava para a Nação como uma nova esperança, um caminho que, não tardava, e seria a alternativa segura para um Brasil mais humano e justo.

Antes, porém, era certa a sua passagem pelo governo baiano, dando cumprimento a um rito, um exercício, uma tradição, uma praxe, espécie de preparação necessária e suficiente. Era muito jovem, e o tempo podia esperar.

Mas a história se reescreve a cada dia. Hoje, uma perspectiva; amanhã, uma surpresa. É a surpresa travestiu-se de espanto naquela tarde de terça-feira, quando a Nação tomou conhecimento de que, assim como a Bahia, estava privada de mais uma aspiração, entre tantas que lhe foram suprimidas no decorrer dos últimos anos. O jovem Luís Eduardo se ia. Um meteoro, uma luz breve desapareciam, não sem deixar o rastro da inteligência, do trabalho profícuo, da dedicação sem medidas, do esforço que o passar do tempo não esmaece aos poucos, mas, ao contrário, vai sempre reinterpretando, seja para que permaneça a essência, seja para que se faça o que restou por ser feito.

E, na verdade, falta muito. As reformas tão habilmente articuladas por Luís Eduardo Magalhães carecem ou de conclusão, algumas, ou de implementação, outras.

Consumiremos tempo ainda, não sei quanto, a fim de que algum outro venha a reunir tantas e tamanhas qualidades que em Luís Eduardo eram naturais: a juventude, a inteireza moral, o vigor, o pensamento humanista, o descortino, o domínio amplo dos problemas brasileiros, das diferenças regionais e das injustiças sociais. Luís Eduardo era dono de uma vontade rara de vê-los resolvidos e, sobretudo, tinha todas as condições de resolvê-los.

Só por isso, seu desaparecimento já seria insuperável. Contudo, ele o é, principalmente, pelo convívio perdido do companheiro, do amigo, do filho, do marido, do pai de família extremado.

Que sejam as minhas últimas palavras, nesta sessão de homenagem, uma prece que volto à bondade do Pai para que lhe dê na vida eterna o repouso e a paz merecida.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães)
– Com a palavra o nobre Deputado Miro Teixeira, Líder do PDT na Câmara dos Deputados.

O SR. MIRO TEIXEIRA (PDT – RJ). Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr.

Presidente, Sr's e Srs. Congressistas; senhoras e senhores convidados.

A morte de Luís Eduardo, que produziu, e continua produzindo em nós, tantas emoções, criou em mim um conjunto maior de dúvidas e incertezas sobre a nossa própria existência: o que, afinal de contas, pode ser considerado vida? Em que momento podemos determinar que uma vida se esgotou? E, afinal de contas, quando é que, de fato, ocorre a morte?

Poderemos recorrer à mais célebre das trilogias: a vida, a paixão e a morte. Poderíamos, mais modestamente, falar de vida ou morte. Ou poderíamos inverter: falar de paixão, de morte e vida. Ainda mais na nossa atividade, na atividade política, quantos caminham respirando, pensando que estão vivos e não estão, porque frustam a vontade, porque frustam a Nação, porque não percebem a grandeza, o tamanho do mandato que lhes é delegado e se entregam pura e simplesmente ao mecânico exercício do apertar botões da burocracia parlamentar? Estarão vivos na vida política?

Luís Eduardo tinha luz própria. Luís Eduardo não bajulava. Luís Eduardo tinha voto. Luís Eduardo não era subserviente ao poder. Luís Eduardo tinha determinação. E esse conjunto, associado a um caráter que ele simbolizou, materializou exatamente desta tribuna – e, por isso, pela primeira vez ocupou esta tribuna, normalmente ocupada pelas forças do Governo –, no momento em que era fácil ceder à grande pressão nacional, que pedia o **impeachment** de Collor de Mello – pelo qual nós, da Oposição, havíamos lutado –, Luís Eduardo, seguindo posição não-pessoal – dou meu testemunho – mas da maioria de seu Partido, posição que estava derrotada, fez questão de vir a esta tribuna e, com as mãos sobre ela, falar contra o **impeachment**. Neste plenário, as emoções são enormes e permanentes, de alegria e tristeza, e elas dispararam um alarido contra as primeiras palavras de Luís Eduardo. Mas, de repente, todos tomaram consciência do gesto que estava sendo aqui praticado e a democracia tomou o corpo de todos que reconheceram que grande era aquele que estava à frente do combate sabendo-o perdido; enquanto outros, que se valeram do Governo, que davam festas até, nos últimos momentos do ex-Presidente, renegavam-no por três vezes neste plenário. Ele conseguiu materializar algo abstrato: o caráter. Por esse conjunto de condições pessoais, Luís Eduardo Magalhães era o elo, o negociador confiável. Ele era alguém em quem depositávamos confiança para tentar estabelecer projetos capazes de nos unir, porque quantas palavras

podem ser proferidas, quantas palavras podem ser perdidas, quantas palavras podem ser aproveitadas? De que valem as palavras, se continuam aumentando a miséria e o desemprego, se continua a qualidade de vida sendo reduzida no País?

Sobre esses assuntos nós conversávamos e para eles tentávamos encontrar o que chamávamos de "compromissos da nossa geração". Afinal de contas, o que a nossa geração está produzindo para o País neste período democrático? A nossa geração, uma geração que soube combater nos momentos mais árduos e mais difíceis da história recente, é tímida ou está intimidada? Será que no momento em que atingimos a democracia somos incapazes de acabar com o maniqueísmo contra ou a favor do Governo, da Oposição? Será possível que estejamos absolutamente incapacitados de, mantendo a nossa identidade – Oposição com crachá de Oposição, Governo com crachá de Governo –, encontrar fórmulas para a vida do País? Se não conseguirmos, estaremos andando, estaremos respirando, mas estaremos mortos.

Luís Eduardo tramava essa esperança. Ele buscava encontrar esses caminhos. Ele era o interlocutor – repito –, não era submisso, não era subserviente. Ele tinha luz própria. Ele era o elo, tinha autoridade para isso. Senhores, talvez, isoladamente, cada um de nós não tenha essa capacidade. Mas, coletivamente, poderemos formar esse elo. E se formos capazes de formá-lo, Senador Antonio Carlos Magalhães, dentro de um ano poderemos estar aqui para falar da vida de Luís Eduardo Magalhães que continua.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães) – Concedo a palavra ao nobre Senador Leomar Quintanilha, Líder do PPB no Senado Federal.

O SR. LEOMAR QUINTANILHA (PPB – TO). Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente do Senado e do Congresso Nacional, Senador Antonio Carlos Magalhães, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Michel Temer, Sr. Vice-Presidente da República Marco Maciel, Senador Carlos Patrocínio e Deputado Ubiratan Aguiar, que também compõem a Mesa, ilustríssimos familiares do Deputado Luís Eduardo Magalhães, Srs. Ministros, Srs. Governadores, Srs. Prefeitos, Srs. Líderes das diversas agremiações que integram esta Casa, Sr's e Srs. Congressistas, senhoras e senhores, os compromissos com a pátria independem das posições político-partidárias. Combate-se, sob os contornos políticos e partidários, toda a sorte de combates. Entretanto,

a força que nos alimenta e nos movimenta nessa saga é, seguramente, o desejo de construir uma sociedade justa.

E o Deputado Luís Eduardo Magalhães representava mais do que a esperança. Ele encarnava a convicção de que isso era possível. Teve ele o privilégio de nascer em um berço onde a premissa maior era servir à pátria e ao povo brasileiro. Teve ele como paradigma o exemplo da honradez, da nobreza de caráter, o exemplo das lutas permanentes, incessantes de uma das mais expressivas figuras do cenário político brasileiro, o seu pai, o Senador Antonio Carlos Magalhães.

Os ensinamentos certamente lhe foram úteis. Entretanto, iluminado, rapidamente construiu o seu próprio arcabouço, rapidamente adquiriu luz própria. E como foi fulgurante essa luz! Conquistou, graças às suas ações, a confiança e o respeito de tantos quantos com ele conviviam, quer na convergência, quer na divergência. Equilibrado, leal, lindo no trato, firme em suas posições, negociava, transigia, sem jamais menosprezar seus adversários. Plenamente vocacionado para a vida política, transformou-se logo numa forte esperança da política brasileira.

O País só tem a agradecer a Luís Eduardo Magalhães. Inestimáveis foram os exemplos de sonho, de crença, de fé e de luta que ele travou nas mais diversas arenas, com o escopo único, com o propósito único de, unindo os esforços daqueles que comungavam os mesmos sentimentos, buscar certamente a justiça social tão proclamada, tão desejada.

E Luís Eduardo Magalhães merece de nós uma homenagem maior do que o sentimento de perda, do que o sentimento de falta, do que a saudade imensa do seu convívio amigo, lindo, agradável. A falta do grande Líder merece de nós uma homenagem muito maior: a de nos espelharmos em seus exemplos e continuarmos no esforço conjunto de dotar este País de justiça social, com o desenvolvimento com que todos nós sonhamos e pelo qual ele tanto lutou.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães)

– Concedo a palavra ao nobre Deputado Roberto Jefferson, Líder do PTB na Câmara dos Deputados.

O SR. ROBERTO JEFFERSON (PTB – RJ.)

Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador Antonio Carlos Magalhães, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Michel Temer, Sr. Vice-Presidente da República, Dr. Marco Antônio Maciel, Srs e Srs. Congressistas, D. Michelle, nasci numa casa de políticos de província. Meu avô foi Vereador pelo

PTB em 1946 e, depois, em 1952, em Sapucaia, no interior do Estado do Rio. Meu pai, Roberto Francisco, em Petrópolis, cidade onde resido ainda hoje, foi Vereador pelo PTB, em 1958, e, depois, em 1962.

E nasci nessa casa, Sr. Presidente, neto de um político de personalidade forte no interior e filho de um político de personalidade forte numa cidade como Petrópolis. Eu era o Robertinho. Não é fácil romper com isso, deixar de ser o Robertinho. E creio que não deve ter sido fácil para o Luís Eduardo deixar de ter sido o Dudu, porque era filho de um homem de personalidade forte, de liderança forte, de presença forte no cenário político nacional.

Sr. Presidente, fui dedicado na escola. Quase todo ano eu era o primeiro aluno da sala e, nos grêmios de oratória, eu sempre ganhava o concurso. Eu sempre ganhava os concursos de redação entre escolas. E o pessoal dizia: "Esse Robertinho, filho do Roberto Francisco, tem futuro!". E aprendi, Sr. Presidente, a crescer com o brilho do meu pai, respeitando-o e amando-o.

Entendi Luís Eduardo e entendo V. Ex^a. Luís Eduardo se afirmou nesse amor que tinha por V. Ex^a e no amor que V. Ex^a tinha por ele. Primeiramente, romper e levar a afirmação de dentro de casa para a rua para que os amigos da família nos vejam pela nossa própria dimensão, para que os homens da cidade, do Estado e do País percebam o nosso tamanho, a nossa própria dimensão, é uma luta custosa, mas fecunda, que plantamos com amor. Luís Eduardo Magalhães cresceu filho de um grande homem público, de um dos maiores políticos da História do Brasil, que é Antonio Carlos Magalhães, mas com o brilho e vicejo da força de sua própria dimensão. Luís Eduardo Magalhães era tão grande quanto é seu pai. Entendi isso, porque passei por essa experiência.

Sr. Presidente, os homens vivem da razão, mas sobrevivem dos sonhos. Conheci Luís Eduardo na afirmação das razões: das razões políticas, neste Plenário; das razões da tese, da reforma, da contra-reforma, da Constituinte, da coerência de posições – como muito bem salientou o Deputado Miro Teixeira – da qual não abdicamos, porque a coerência é herança que também recebemos de nossos pais, bem como a coragem e a lealdade.

Conheci Luís Eduardo assim, mas confesso que, em função desta Casa, dos nossos embates de idéias, Deputado Benito Gama, do embate do poder, nós nos embrutecemos. Eu conhecia as razões de Luís Eduardo, mas tive pouco tempo para conhecer

seus sonhos. Os homens vivem da razão, mas sobrevivem dos sonhos, e o Brasil é um País de sobreviventes, onde todos precisamos sonhar. Só vamos construir, edificar, deixar nossa obra plena, completa, a partir de nossos sonhos.

Um dos maiores discursos que ouvi na minha vida, o de Martin Luther King, dizia exatamente isto: "I have a dream!". Em seu discurso, o Senador Carlos Patrocínio citou uma ode, uma poesia, um verso, a respeito dos sonhos de Luís Eduardo. Tenho certeza de que Luís Eduardo será sempre lembrado por nós – como bem disse aqui, na tribuna, o orador que me antecedeu; ou como bem disseram os que me antecederam – pelas suas qualidades: firme, leal e condutor. Ele sabia presidir esta Casa, liderar seu Partido e ser o Líder do Governo. Coerente, buscava afirmar suas posições e seus credos.

Mas vamos pranteá-lo sempre e nos emocionar sempre com ele! Vamos ultrapassar as nossas capas – essa formalidade que nos veste de deputados, de militares, de generais, de brigadeiros – e aprofundar a emoção no nosso coração lembrando que Luís Eduardo sonhava com um Brasil melhor, que seus gestos de jovem, impetuosos, firmes, buscavam tornar realidade aquilo que era a seiva do seu espírito, a seiva da sua alma, o alimento da sua conduta, que era o sonho de um Brasil melhor no ideal no qual ele acreditava.

Sr. Presidente, o Dr. Tancredo, falecido em 21 de abril, cumpriu a sua trajetória de vida, o seu projeto, que foi a transição da democracia, sem ódios, sem derramamento de sangue, sem violência. O Dr. Ulysses Guimarães também. Já no ocaso da sua vida, nas cores esmaecidas do outono, sofreu aquele acidente de helicóptero e faleceu, mas cumpriu seu dever, realizou seu sonho plenamente. Terminou e retocou a sua obra, a Constituição-cidadã, o pacto da cidadania.

Luís Eduardo começou a desenhar na tela seu projeto de vida, como faz um pintor. Ele ainda estava fazendo o esboço de carvão, não havia colocado sobre a tela os matizes do seu projeto, mas já havia traçado no preto do carvão a história do seu sonho, a história que ia buscar no seu destino, a história do seu ideal.

Como Tiradentes, sonhou um sonho libertário e não viu em vida a consumação de suas esperanças, a concepção de seus sonhos, a forma acabada, colorida em matizes múltiplos de um Brasil independente. Luís Eduardo é mais ou menos assim: começou a pintar, ainda com carvão, na tela branca, um Brasil mais justo, um Brasil de menores desigualdades, um Brasil aberto ao mundo, ombreado ao mundo grande. E esse traço de carvão que

deixou Luís Eduardo, o seu sonho, Sr. Presidente e seu pai, esse é o sonho que nos emula, esse é o sonho que nos impulsiona, esse é o ideal que nos iguala, esse é o caminho que queremos trilhar e que vamos perseguir.

Que Deus festeje Luís Eduardo onde ele estiver e que ele saiba, de coração, que todos nós, aqui reunidos em sua memória, em seu nome, estamos dizendo a ele que valeu à pena sonhar.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (Muito bem! Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães) – Concedo a palavra ao Senador Arlindo Porto, penúltimo orador.

O SR. ARLINDO PORTO (PTB – MG. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente do Congresso, Senador Antonio Carlos Magalhães, Sr. Vice-Presidente da República, Dr. Marco Maciel, Sr. Presidente da Câmara, Deputado Michel Temer, srs. membros do corpo diplomático, Srs. Ministros, familiares do saudoso Luís Eduardo Magalhães, Sr's e Srs. Senadores, Sr's e Srs. Deputados, minhas senhoras e meus senhores:

A grandeza do vulto político e humano de Luís Eduardo Magalhães impõe, neste momento, a expressão de nosso testemunho pessoal, a manifestação do Partido Trabalhista Brasileiro e a demonstração do Estado de Minas Gerais, que represento no Senado da República, do respeito e da admiração a um dos mais brilhantes homens públicos do Brasil, ímpar entre os de sua geração.

Não se trata de uma imposição protocolar, mas do preito sincero àquele que se destacou entre os seus pares no mais lídimo exercício da política, em seu maior e melhor sentido. Com absoluto senso de responsabilidade e de realidade, praticou a "arte do possível", em busca da utopia, da realização dos sonhos de um povo de conquista da justiça e do bem-estar em sociedade, objetivos inatingíveis sem o desenvolvimento e o aperfeiçoamento constante da democracia.

Na persecução desses objetivos, sempre houve-se com honradez, elegância e eficácia, conciliando com denodo o interesse implícito do político em busca do poder e o atendimento aos interesses da sociedade, por intermédio de sua multifacetada representação política.

Pouco se pode acrescentar sobre a figura de Luís Eduardo depois de tão brilhantes depoimentos já hoje registrados nesta sessão, impregnada da dolorida lembrança de sua ausência, do reconhecimento ao seu papel e mesmo à certeza sobre o

futuro que o esperava, não lhe tivesse o destino ceifado tão precocemente a vida.

Já há um ano órfã da presença de Luís Eduardo, a vida política brasileira está mais pobre. Certamente, no entanto, foi fertilizada pelo seu exemplo de persistente e humilde conciliador, de hábil articulador, de criativo inventor de soluções e descobridor de caminhos que contribuíram para a evolução e o aperfeiçoamento de nossas instituições democráticas ainda frágeis e deficientes, mas, sem dúvida, com promissores horizontes, desde que, a cada dia mais e mais, prospere o exemplo de vida daquele que foi um dos mais ilustres entre os grandes nomes que a Bahia doou à vida pública brasileira.

A partida de Luís Eduardo Magalhães pesa, mais do que sobre todos nós, no coração do pai, nosso ilustre e brilhante Presidente Antonio Carlos Magalhães. A seus familiares e a ele os nossos cumprimentos. Que S. Ex^a seja o depositário de nossas homenagens, insuficiente compensação não só pela perda, mas pelo fato de que, agora, tem sobre os ombros muitas das obrigações, compromissos e sonhos do filho querido.

Homenagens merecidamente se espalham por todo o Brasil, onde Luís Eduardo Magalhães já empresta seu nome a inúmeros logradouros e obras públicas. Mas não haverá nenhuma homenagem maior que aquela a ser desempenhada pelos seus pares, por tantos quantos se julguem no desempenho da vocação política, da representação da vontade popular e da tarefa de buscar a felicidade e o bem-estar do nosso povo.

Essa homenagem maior tem sido e há de ser a frutificação de seu exemplo, o espelhar-se nas palavras, nos princípios e no exercício da política com a tenacidade e objetividade de Luís Eduardo; na lembrança de seu estilo que tão bem unia a firmeza de propósitos e objetivos à flexibilidade e habilidade na sua consecução.

Para finalizar a manifestação que faço, Sr. Presidente, pouco poderia acrescentar ao que já foi dito nesta homenagem a Luís Eduardo Magalhães. Portanto, associo-me e reitero tudo quanto já foi expresso em tantos e tão brilhantes testemunhos e avaliações aqui exarados, concluindo, porém, com o destaque a uma das qualidades que nós, mineiros, mais prezamos no exercício da política: a lealdade – lealdade que Luís Eduardo Magalhães não restringia somente aos correligionários, mas com a qual também os adversários podiam contar. Um adversário que não cultivou nem admitia o ódio, mas vivia e

pregava o entendimento, a conciliação, a busca de objetivos comuns que favorecessem a sociedade e o Brasil. É esta a imagem e o exemplo que nos deixa Luís Eduardo Magalhães e que nos cabe perpetuar como arquétipo, como modelo.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães)

– Com a palavra o último orador, o nobre Deputado Pedro Valadares.

O SR. PEDRO VALADARES (Bloco/PSB – SE. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador Antonio Carlos Magalhães, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Michel Temer, Sr. Vice-Presidente da República Marco Maciel, srs. membros da Mesa, Srs. Senadores, Srs. Deputados, Srs. Ministros, Srs. Governadores, prefeitos, familiares do saudoso Luís Eduardo Magalhães, minhas senhoras e meus senhores, para admirar não basta apenas conhecer a pessoa, é necessário também conhecer o caráter e nós conhecímos o caráter de Luís Eduardo Magalhães.

Cedo ingressou na política e demonstrou, de imediato, grande agilidade na área parlamentar. Destacou-se, aos 20 anos, na Assembléia Legislativa da Bahia: encontrara seu caminho e sua vocação. Tinha um carisma pessoal raro, não precisou do pai para ganhar espaço. Os temperamentos eram bem diferentes. O pai sempre depositou no filho suas esperanças de um futuro melhor para a Bahia e para o Brasil. O amor que os unia era visível. Impossível dizer se era o filho que mais admirava o pai ou o pai, o filho. Os almoços diários dos dois eram uma prova incontestável do carinho e respeito de um pelo outro diferentes, mas iguais nos sentimentos que um nutria pelo outro singular amizade.

A personalidade marcante de Luís Eduardo, a que se somava rara intuição política, tornou-o, em sua segunda legislatura, líder do Partido da Frente Liberal (PFL). Desincumbiu-se de tão árdua missão com competência e combatividade, características de experimentados líderes políticos.

Tinha amigos. E muitos. Carinhoso, leal, divertido, era um **couser** agradável. A inteligência brilhante, o riso franco, a alegria contagiante faziam com que se tornasse, naturalmente, o centro das atenções nos lugares que freqüentava. Quantas noites passou a convencer Sigmaringa Seixas, Miro Teixeira e José Genoino a mudarem as suas posições aqui no Congresso? Se não conseguiu, divertiu-se e divertiu os grandes amigos.

Bom estrategista, sabia como e quando agir. Sabia quem procurar nas horas difíceis de votação.

Conhecia as dúvidas de cada um e era capaz de dirimi-las com uma conversa amena. Quantas votações o Governo venceu, graças ao trabalho político e silencioso de Luís Eduardo. Tinha prazer no contraditório e, como ninguém, sabia usá-lo, com raro senso de oportunidade.

Por outro lado, sabia ouvir com inesgotável paciência, revelando prematura sabedoria. Luís Eduardo nunca se negou a ouvir opiniões contrárias às suas. Nunca recusou debater problemas que afetavam a Nação. Mesmo que tivesse opinião formada, ouvia com humildade, quase sempre conquistando o interlocutor.

Habil negociador, conquistou a confiança de todos. Sua palavra era uma só: seus compromissos eram cumpridos integralmente. Daí o respeito que sempre mereceu de todos os Parlamentares, inclusive de nós, seus adversários.

Luís Eduardo foi expoente político de uma nova geração. Tolerante, coerente, combativo, leal, eficiente, sereno, altivo, determinado, simples, sério, digno, correto, cordial. Tinha todas as qualidades que lhe assegurariam o futuro glorioso.

O inesperado da morte de Luís Eduardo chocou o País. Carreira política das mais promissoras era violentamente interrompida. A vocação política tão cedo manifestada findara e a tristeza abateu-se sobre o Brasil, tão falho de lideranças políticas. E a saudade que deixou permanecerá para sempre, sem falar na falta que faz. Neste momento crucial por que passa o Brasil, sua seriedade e competência no trato da coisa pública e a confiança que inspirava aos colegas, sem dúvida, permitir-lhe-iam encontrar soluções mais adequadas para os embates parlamentares. Transformar o Brasil num país moderno era o sonho de Luís Eduardo, tão cedo desfeito. Esperamos que, onde esteja, seja ele capaz de nos orientar nos rumos a tomar nessa época de crise.

Sr. Presidente, em nome da Liderança do PSB, do PCdoB, da Líder Luiza Erundina, quero enviar o nosso abraço carinhoso a V. Ex^a, pedindo a Deus que continue iluminando os seus passos. Temos certeza de que o amor, o carinho e a dedicação de Luís Eduardo a seu pai, sentimentos que lhe enchiam a alma, servem hoje de consolo ao Presidente Antonio Carlos Magalhães, quando se recorda de seu filho amado, dando-lhe forças na luta que trava há tantas décadas pelo engrandecimento da Bahia e do Brasil.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães) – Em nome do Presidente Michel Temer e no meu

próprio, agradeço aos eminentes oradores que louvaram a memória de Luís Eduardo nesta sessão.

Agradeço a presença do Vice-Presidente da República, Marco Maciel, dos Ministros de Estado, dos Embaixadores, de quantos aqui se encontram, Parlamentares das duas Casas, Líderes partidários, enfim, amigos todos de Luís Eduardo, traduzindo, na presença do Governador do nosso Estado da Bahia, Governador César Borges, esse profundo reconhecimento da Mesa do Congresso e da Câmara dos Deputados.

Em verdade, Luís Eduardo tem recebido, ao longo deste ano, homenagens em todos os lugares do País, mas nada mais completo que a homenagem de hoje, na medida em que está a sua figura permanente nesta Casa, que foi a sua Casa, que é a sua Casa, e que foi sempre o motivo principal da sua vida.

Prefiro celebrar o primeiro aniversário da sua morte com um apelo para que continuemos todos, sem exceção – mesmo porque ele jamais excluiu quem quer que fosse da obra de construção do nosso País –, a continuar a luta. Apelo a todos os homens de bem que prossigam com os ideais de Luís Eduardo. Ele queria apenas um país mais moderno e mais justo. Morreu sem vê-lo. Homenagear-lhe a memória é lutar para que o Brasil dos seus sonhos seja, o mais breve possível, uma realidade para todo o povo brasileiro.

Luís, sinta a homenagem dos seus colegas. E, digo-lhe agora, tenho feito da fraqueza a força para honrar a sua memória. (Palmas.) Deus me tem ajudado e, como ém vida, sinto você sempre a meu lado com o seu carinho, a sua alegria, a sua competência. Não me abandone nunca. Você, a Bahia e o Brasil são a razão da minha vida. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães) – Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 13 horas e 27 minutos)

DISCURSOS PRONUNCIADOS PELO SR. DEPUTADO JOSÉ ROCHA, E PELOS PRESIDENTES MICHEL TEMER E ANTONIO CARLOS MAGALHÃES, NA SOLENIDADE DE INAUGURAÇÃO DO EDIFÍCIO LUÍS EDUARDO MAGALHÃES, REALIZADA ÀS 10 HORAS DO DIA 28 DE ABRIL DE 1999, NO SAGUÃO SUPERIOR DO ANEXO II DA CÂMARA DOS DEPUTADOS (EM FRONTE À BIBLIOTECA):

A SRA. MESTRE-DE-CERIMÔNIAS (Mônica Gonçalves Cardoso) – Senhoras e Senhores, bom dia. A Mesa Diretora da Câmara dos Deputados de-

cidiu prestar homenagem ao Deputado Luís Eduardo Magalhães, nome pelo qual passa a ser chamado agora o Edifício do Anexo II desta Casa. Também nesta cerimônia será inaugurado o busto do ex-Presidente afixado no mesmo edifício.

Gostaríamos de registrar a presença do Ex^{mo}. Sr. Presidente do Senado Federal, Senador Antonio Carlos Magalhães; do Ex^{mo}. Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Michel Temer. Registrarmos também a presença dos Srs. membros da Mesa Diretora da Câmara dos Deputados e dos Srs. Líderes partidários. Registrarmos e agradecemos a presença dos Srs. Ministros de Estado, do Sr. Governador do Estado da Bahia, dos Srs. Deputados Federais, dos Srs. Senadores, dos Srs. membros do Corpo Diplomático e das demais autoridades. Registrarmos ainda a presença do Sr. Diretor-Geral da Câmara dos Deputados, Adelmar Silveira Sabino, e do Secretário-Geral da Mesa, Mozart Viana de Paiva.

Agradecemos também a presença do Sr. Secretário-Geral da Mesa do Senado Federal, dos demais diretores das duas Casas. Queremos registrar em especial a presença da Sra. Michelle Marie Pimentel Magalhães e do jovem Luís Eduardo Magalhães Filho, mulher e filho do Deputado Luís Eduardo Magalhães.

Neste momento, passamos a palavra ao Ex^{mo}. Sr. Deputado José Rocha, autor do projeto que denomina o Anexo II de Edifício Deputado Luís Eduardo Magalhães.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROCHA – Exmo. Sr. Presidente do Senado e do Congresso Nacional, Senador Antonio Carlos Magalhães; Exmo. Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Michel Temer; ilustre ex-Presidente, Senador José Sarney; Srs. Ministros de Estado, autoridades diplomáticas, líderes partidários, familiares do ex-Deputado Luís Eduardo Magalhães, sua esposa Michelle Magalhães, seu filho Luís Eduardo Magalhães, Duquinho, em seu nome saúdo suas irmãs Paula e Carol; Exmo. Sr. Governador do Estado da Bahia, Dr. César Borges; Exmo. Sr. Prefeito de Salvador, Dr. Antonio Ymbassahy, Deputados Federais, Deputados Estaduais, ilustre Diretor-Geral da Câmara, Aldemar Sabino, em seu nome saúdo todos os funcionários da Casa; minhas senhoras e meus senhores:

Reunimo-nos agora para mais uma homenagem a um dos mais ilustres brasileiros, o saudoso Deputado Luís Eduardo Magalhães, levado prematuramente o nosso convívio e da cena política na-

cional por aquele que o desejava mais perto há exatamente um ano e sete meses. Das muitas homenagens que ainda lhe estão sendo prestadas esta se reveste de um significado todo especial. É neste edifício onde funcionam as comissões técnicas da Casa, onde os primeiros exames de uma proposição legislativa são efetuados, onde as divergências ideológicas ou filosóficas despontam com maior ímpeto e com mais profunda argumentação, onde os diferentes parlamentares buscam soluções que tornem as proposições factíveis, este, sem sombra de dúvida, o cenário onde o homenageado foi exímio articulador. É neste prédio também que se encontra o gabinete da Liderança do Governo, onde Luís Eduardo buscava sempre com sucesso o entendimento para aprovação das matérias de maior interesse para o País. Portanto, nada mais justo do que denominá-lo Edifício Deputado Luís Eduardo Magalhães.

Luís Eduardo foi sempre um homem do Parlamento e soube como ninguém entender a essência da atividade parlamentar, que é o diálogo e a busca do entendimento através da negociação, do debate incessante de idéias conflitantes para se chegar a um denominador que represente a convergência.

Luís Eduardo era um brasileiro notável, desses predestinados ao sucesso, não pelo prestígio familiar, nem pela sorte ou acaso, o que não lhe subtrairia o grande mérito, se verdade fosse. Mas, nas circunstâncias, o que ressalta da trajetória do saudoso homenageado, o que prevaleceu invariavelmente na sua existência foi, sem dúvida, os atributos pessoais: força moral, pertinácia, apego aos valores humanísticos, à causa dos humildes, ao bem-estar do povo.

Nesse solo fértil, o germen da vida pública se transformaria em sucesso inevitável. Luís Eduardo, democrata nato, compreendeu ser a política o rumo natural a seguir para dar cumprimento ao seu destino grandioso que só não se realizou na plenitude porque lhe faltou vida. Ainda muito jovem ocupou cargo de Oficial de Gabinete de Antonio Carlos Magalhães, então Prefeito de Salvador. Eleger-se para a Assembléia Legislativa do seu Estado por dois mandatos consecutivos, tendo ocupado a Presidência daquela Casa, função que exerceu com incomum brilhantismo. Em 1987, chegava a esta Casa para os trabalhos constituintes, ocasião em que defendeu com muita firmeza suas convicções e propostas, à época nem sempre bem compreendidas, mas que mais tarde se mostrariam coerentes e efetivas para um novo modelo de Estado brasileiro.

Luís Eduardo já tinha então construído o seu próprio espaço, merecendo respeito e recon-

hecimento de seus pares. Patenteando a herança política que recebera, sempre foi público o respeito e a afeição que dedicava ao Senador Antonio Carlos Magalhães, como filho, amigo e sobretudo discípulo, tornando-se os dois, mais tarde, um conselheiro do outro. A partir daí tornou-se Líder do seu partido, defendendo sempre o Estado moderno e eficiente. Exercitou sua capacidade em todos os momentos de sua vida pública, mas foi sobretudo na Presidência desta Casa e depois na Liderança do Governo que essa sua capacidade foi mais exigida.

Ele foi o grande reformador, comandando a aprovação das reformas econômicas e estruturais que a sociedade brasileira exigia, revelando-se assim a maior liderança de sua geração. Como grande articulador e conciliador, tornou-se peça importante para a estabilidade política e econômica do País. Não fosse sua ida prematura, talvez o Brasil não tivesse passado por momentos tão difíceis como os atuais e certamente hoje Luís Eduardo estaria à frente do Executivo baiano, pois esse era desejo expresso e claro do povo da Bahia.

Luís Eduardo Magalhães continua presente nesta Casa através do seu exemplo a nos guiar em cada momento de nossa vida parlamentar. Neste momento em que prestamos esta homenagem, compartilhamos da mesma dor e da mesma saudade que sente a família, sentimentos também de toda esta Casa, da Bahia e do País. Resta-nos, no entanto, a certeza de que sua memória permanecerá viva em todos nós para o que contribuirá esta homenagem que agora promove a Câmara dos Deputados, homenagem que servirá para ver immortalizada a imagem de um político que sempre enalteceu o Parlamento, um verdadeiro estadista, um ser humano cheio de alegria, alegria que irradiava a todos no convívio diário. Amigo dos funcionários desta Casa desde o mais humilde ao mais graduado, a quem sempre dedicava uma palavra de carinho.

Luís Eduardo estava sempre de bem com a vida, amante da boa música, da boa leitura, e, para todos aqueles que tiveram o prazer do seu convívio, íntimo de um filho, esposo e pai exemplar de dedicação e afeto, sua ausência torna esta Casa menos alegre.

Muito obrigado. (Palmas.)

A SRA. MESTRE-DE-CERIMÔNIAS (Mônica Gonçalves Cardoso) – Registrmos as presenças dos Srs. Ministros Presidentes do Poder Judiciário e do Exmº Sr. Vice-Presidente da República, Marco Maciel.

Passamos agora a palavra ao Exmº Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Michel Temer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Michel Temer)

– Ao saudar o Vice-Presidente da República, Marco Maciel, o Sr. Senador Antonio Carlos Magalhães, a família do nosso querido Luís Eduardo, seu filho, Luís Eduardo e a Srª Michelle; ao saudar o Ministro Ilmar Galvão, representando aqui o Supremo Tribunal Federal, o Sr. ex-Presidente, Senador José Sarney, Srs. Ministros, Srs. Deputados, senhoras e senhores, quero dizer inicialmente, Senador Antonio Carlos Magalhães, que certamente este burburinho que estamos ouvindo aqui é também uma homenagem ao Luís Eduardo.

Luís Eduardo era o homem desta Casa, uma Casa onde há muito burburinho, onde há naturalmente uma participação permanente dos seus Deputados e dos seus funcionários. Aliás, o pequeno burburinho que agora presenciamos constitui uma homenagem ao nosso querido Luís Eduardo.

Serei breve na minha manifestação e quero apenas iniciar lendo, senhoras e senhores, uma parte das notas taquigráficas da ocasião em que Luís Eduardo deixava a Presidência da Câmara dos Deputados e era homenageado por todos os Líders. Quero iniciar com esta palavra, senhoras e senhores, para não dar a impressão de que estamos aqui homenageando Luís Eduardo porque ele se foi, queremos apenas revelar neste momento que ele era homenageado em vida e, naquela oportunidade, homenageado com palavras quando eu, ainda Líder do meu partido, PMDB, despedia-me dele, saindo ele da Presidência, dizendo:

"Sr. Presidente, quero também fazer uma homenagem a V. Exª e aos membros da Mesa em nome do bloco que dirijo. Acho que V. Exª, Sr. Presidente, é um homem de coragem e a coragem é fundamental na atividade política. É também um homem determinado, um homem de posições e reconhecidamente um homem de palavra que cumpre compromissos. Todos nós sabemos como é fundamental para a atividade política o cumprimento de compromissos. V. Exª deixa esta Casa sob aplausos de seus colegas e sob o aplauso popular, mas a infalibilidade de V. Exª está exatamente na circunstância de que cumpriu, ao lado dos companheiros da Mesa, o papel que o povo atribui a esta Casa, ou seja, o papel da dignidade. V. Exª sai com a cabeça erguida porque é um homem digno."

Quero com isso mais uma vez ressaltar, Srs. Deputados, Srs. Senadores, Sr. Vice-Presidente da República, familiares do nosso querido Luís Eduardo, que as palavras que aqui expresso, que o ilustre orador autor deste projeto aqui manifestou,

não são palavras para homenagear quem se foi, mas são palavras para relembrar aquele que em vida já deixava um exemplo. Quantas e quantas homenagens nós pudermos fazer para relembrar a memória de Luís Eduardo, no fundo, estaremos, despertando a nacionalidade para os novos tempos, porque Luís Eduardo revelava e representava a novidade no País. Luís Eduardo era o homem do futuro, era o homem em que as pessoas depositavam esperanças e essa esperança, Sr. Senador Antonio Carlos, Srª Michelle, Luís Eduardo Filho, não podem morrer. Elas hão de continuar! E a cada instante, ilustres Líderes desta Casa, em que participo de uma homenagem a Luís Eduardo, tenho a impressão de que estou recuperando algo que no Brasil não se costuma consertar, que são as nossas tradições. Nós somos destruidores de nossas tradições. Nós não relembramos o nosso passado para impulsionar-nos rumo ao futuro. A lembrança, portanto, em reiteradas homenagens que se presta a Luís Eduardo Magalhães, é um dever da nacionalidade. É relembrar o passado para construirmos o futuro.

Meus cumprimentos à família do nosso querido Luís Eduardo. (Palmas.)

A SRA. MESTRE-DE-CERIMÔNIAS (Mônica Gonçalves Cardoso) — Passamos a palavra ao Ex^{mo} Sr. Presidente do Senado Federal, Senador Antonio Carlos Magalhães.

O SR. SENADOR ANTONIO CARLOS MAGALHÃES

— Sr. Vice-Presidente da República, Sr. Presidente Michel Temer, Sr. Ministro Ilmar Galvão, Sr. Governador da Bahia, César Borges, Srs. Ministros de Estado, autoridades, Senadores, Deputados, principalmente amigos de Luís Eduardo:

Quero agradecer ao Deputado José Rocha a iniciativa desta significativa homenagem que se presta à memória de Luís Eduardo, nesta Casa em que ele tanto transitou e que era uma das razões da sua vida. Quero agradecer ao Presidente Michel Temer. Evidentemente, sem seu apoio decisivo, sem a sua ação, jamais teríamos neste instante e nesta hora esta homenagem, até porque homenagens como estas crescem de significado, pois inegavelmente avulta cada vez mais e cada dia a figura de Luís Eduardo no cenário político brasileiro.

O Presidente Michel Temer com propriedade declarou que é preciso cultuar a memória daqueles que trabalharam e dignificaram o País, até porque, infelizmente, a memória do povo, de um modo geral, não só a do brasileiro, mas a de todos os povos é curta em relação aos homens que tanto fizeram pela pátria. E, no caso de Luís Eduardo, digo com segu-

rança que é uma esperança que não morre, porque a cada dia a sua figura de conciliador é relembrada, sobretudo pela sua capacidade de resolver problemas que pareciam insolúveis. Esta reunião é uma demonstração disso: Líderes de todos os partidos se reúnem para prestar esta homenagem a Luís Eduardo. E eu, como baiano, como brasileiro e, em particular, como homem público, fico muito feliz que isso aconteça, porque acho que a vida pública, mais do que nunca, está necessitando de homens como Luís Eduardo.

Nesta hora relembro tantos dos seus amigos e de antigos Parlamentares de quem, quando iniciou sua vida pública, bebia lições e experiências com as quais pôde produzir grandes trabalhos.

Recordo, vendo o Embaixador da França, uma das últimas homenagens a ele prestadas e que tanto o comoveu e nos comoveu: o recebimento da comenda da Legião de Honra da França, pelo reconhecimento do seu trabalho, da sua eficiência e do seu amor pelo Brasil. (Palmas.)

Vamos ter logo mais uma sessão do Congresso Nacional em sua homenagem. Lá outros oradores vão relembrar a sua figura. Mas eu queria, em meu nome, no da minha família aqui representada pela sua esposa e pelo seu filho, agradecer, em primeiro lugar, ao Presidente Michel Temer e ao autor da proposição, mas, sobretudo, se o Presidente Michel Temer me permitir, agradecer a Mozart, a Sabino, às suas secretárias, àqueles que ele tanto amava e que o ajudaram a realizar uma presidência que marcou época nesta Casa — e V. Ex^a está seguindo o mesmo caminho, Sr. Presidente Michel Temer. Esses foram seus amigos. Eles continuam hoje relembrando a sua memória como os Parlamentares que aqui estão. Nós estamos homenageando hoje Luís Eduardo. Vejo amigos diletos seus que dele não se separavam e que tinham por ele uma grande estima, como o Governador César Borges, como o Senador Paulo Souto e todos os baianos que aqui se encontram trazendo a Bahia para a Câmara Federal, uma bancada altamente representativa, até porque era liderada por Luís Eduardo. (Muito bem. Palmas.)

Aqui vejo também o meu amigo, o ex-Presidente José Sarney, participando com seu pensamento, com seu coração e com sua amizade desta solenidade, como também Marco Maciel, Vice-Presidente da República, representando o Presidente Fernando Henrique Cardoso. Nesta hora o que posso fazer de melhor em homenagem à memória de Luís Eduardo é, ao relembrar o seu

espírito conciliador, pedir a união dos Parlamentares pelo Brasil neste instante em que necessitamos, mais do que nunca, de unidade para resolver os nossos graves problemas.

Muito obrigado. (Palmas prolongadas.)

A SRA. MESTRE-DE-CERIMÔNIAS (Mônica Gonçalves Cardoso) – Convidamos os Exm^{ps} Srs. Presidentes da Câmara dos Deputados, Deputado Michel Temer, e do Senado Federal, Senador Antonio Carlos Magalhães, para o descerramento da cortina de veludo que cobre o busto e o nome do edifício.

(Procede-se ao descerramento da cortina.)
(Palmas.)

A SRA. MESTRE-DE-CERIMÔNIAS (Mônica Gonçalves Cardoso) – Agradecemos a todos a presença e convidamos os presentes a se dirigirem ao plenário desta Casa para a Sessão Solene do Congresso Nacional em que se reverenciará a memória do Deputado Luís Eduardo Magalhães no mês de aniversário do seu falecimento.

A todos um bom-dia!

COMISSÃO MISTA DE PLANOS, ORÇAMENTOS PÚBLICOS E FISCALIZAÇÃO

PRESIDENTE: Deputado LAEL VARELLA (PFL-MG)
1º VICE-PRESIDENTE: Senador JEFFERSON PÉRES (PSDB-AM)
2º VICE-PRESIDENTE: Deputado BASÍLIO VILLANI (PSDB/PR)
3º VICE-PRESIDENTE: Senador ANTONIO CARLOS VALADARES
(BLOCO - PT/PDT/PSB/PPS - SE)

DEPUTADOS

TITULARES

SUPLENTES

PFL

ARACELY DE PAULA	MG	5201	ÁLVARO GAUDÊNCIO NETO	PB	5833
ÁTILA LINS	AM	5730	AUGUSTO VIVEIROS	RN	5508
CÉSAR BANDEIRA	MA	5502	BENEDITO DE LIRA	AL	5215
JOÃO RIBEIRO	TO	5339	LAURA CARNEIRO	RJ	5516
JOSÉ CARLOS ALELUIA	BA	5856	ROBERTO PESSOA	CE	5607
JOSÉ LOURENÇO	BA	5313			
LAEL VARELLA	MG	5721			
LUIZ BRAGA	BA	5913			
OSVALDO COELHO	PE	5444			
PAES LANDIM	PI	5560			
ANTONIO CARLOS KONDER	SC	5325			
REIS					
ROGÉRIO SILVA	MT	5808			
WERNER WANDERER	PR	5806			

PSDB

ADEMIR LUCAS	MG	5586	B. SÁ	PI	5643
ALBERTO GOLDMAN	SP	5324	LUIZ CARLOS HAULY	PR	5701
ALEXANDRE SANTOS	RJ	5302	OTÁVIO ROCHA	PA	5431
ANÍBAL GOMES	CE	5731	PEDRO HENRY	MT	5829
ANTÔNIO CARLOS	SP	5225			
PANNUNZIO					
BASÍLIO VILLANI	PR	5634			
DANILO DE CASTRO	MG	5862			
JOÃO LEÃO	BA	5320			
MÁRIO NEGROMONTE	BA	5345			
ROBERTO ROCHA	MA	5529			
ROMMEL FEIJÓ	CE	5506			
SAVADOR ZIMBALDI	SP	5538			

BLOCO PMDB/PRONA

ARMANDO ABÍLIO	PB	5805	BARBOSA NETO	GO	5566
DARCÍSIO PERONDI	RS	5518	OSCAR GOLDONI	MS	5448
ETEVALDA G. DE MENEZES	ES	5322	PINHEIRO LANDIM	CE	5636
GENÉSIO BERNARDINO	MG	5571	HÉLIO ROSAS	SP	5478
JOÃO HENRIQUE	PI	5617			
JOSÉ PRIANTE	PA	5752			

LÍDIA QUINAN	GO	5223
MAURO LOPES	MG	5841
NEUTO DE CONTO	SC	5209
PEDRO NOVAIS	MA	5813
SANDRO MABEL	GO	5803

DEPUTADOS

TITULARES

SUPLENTES

PPB

CÉLIA MENDES	AC	5615	RICARDO BARROS	PR	5412
FELIPE MENDES	PI	5640	JOSÉ JANENE	PR	5608
ROBERTO BALESTRA	GO	5262	PEDRO CORRÊA	PE	5415
IBERÊ FERREIRA	RN	5609			
JOFRAN FREJAT	DF	5321			
LUIS BARBOSA	RR	5340			
MÁRCIO REINALDO MOREIRA	MG	5819			
NELSON MEURER	PR	5916			
OSVALDO REIS	TO	5835			
CUNHA LIMA	SP	5245			
AMIR SÁ	RR	5238			
VADÃO GOMES	SP	5750			

BLOCO PT/PDT/PCdoB

AIRTON DIPP	RS	5556	INÁCIO ARRUDA	CE	5582
ARLINDO CHINAGLIA	SP	5706	MARIA LAURA	DF	5533
CHICO VIGILANTE	DF	5627	RENAN KURTZ	RS	5810
EURÍPEDES MIRANDA	RO	5252			
Giovanni Queiroz	PA	5534			
JOÃO COSER	ES	5514			
JOÃO FASSARELLA	MG	5283			
PAULO BERNARDO	PR	5379			
PAULO ROCHA	PA	5483			
SÉRGIO MIRANDA	MG	5462			

PTB

ISRAEL PINHEIRO	MG	5373	FÉLIX MENDONÇA	BA	5912
PHILEMON ROFRIGUES	MG	5226			
RODRIGUES PALMA	MT	5528			

PSB

GONZAGA PATRIOTA	PE	5430	FERNANDO LYRA	PE	5901
SÉRGIO GUERRA	PE	5426			

PL

PEDRO CANEDO	GO	5611
--------------	----	------

PPS

SÉRGIO AROUCA	RJ	5724
---------------	----	------

SENADORES

TITULARES

SUPLENTES

PFL

CARLOS PATROCÍNIO	TO	4068	ROMEU TUMA	SP	2051
EDISON LOBÃO	MA	2311			
BELLO PARGA	MA	3069			
JOSÉ BIANCO	RO	2231			
ROMERO JUCÁ	RR	2111			
JONAS PINHEIRO	MT	2271			

PMDB

CARLOS BEZERRA	MT	2291	FERNANDO BEZERRA	RN	2461
FLAVIANO MELO	AC	3493	CASILDO MALDANER	SC	2141
MARLUCE PINTO	RR	2441			
NEY SUASSUNA	PB	3148			
RAMEZ TEbet	MS	1101			

PSDB

JEFFERSON PÉRES	AM	2061	SÉRGIO MACHADO	CE	2281
LÚCIO ALCÂNTARA	CE	2301			
LÚDIO COELHO	MS	2381			
OSMAR DIAS	PR	2124			

BLOCO PT/PDT/PSB/PPS

ANTONIO CARLOS VALADARES	SE	2201	EDUARDO SUPLICY	SP	3213
JOSÉ EDUARDO DUTRA	SE	2391			
SEBASTIÃO ROCHA	AP	2241			

PPB

ERNANDES AMORIM	RO	2251	LEOMAR QUINTANILHA	TO	2071
ELOI PORTELLA	PI	2131			

PTB

ODACIR SOARES	RO	3218
---------------	----	------

Atualizado em 20/04/99



EDIÇÃO DE HOJE: 32 PÁGINAS